

**ISADORA BUONO DE OLIVEIRA**

MARCO TÚLIO CÍCERO: concepções do discurso religioso no final da  
República romana

**ASSIS**

**2014**

**ISADORA BUONO DE OLIVEIRA**

**MARCO TÚLIO CÍCERO: concepções do discurso religioso no final da  
República romana**

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras de Assis – UNESP –  
Universidade Estadual Paulista para a  
obtenção do título de Mestra em História  
(Área de Conhecimento: História e  
Sociedade)

Orientadora: Dra. Andrea Lúcia Dorini de  
Oliveira Carvalho Rossi

**ASSIS**

**2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

O48m	<p>Oliveira, Isadora Buono de Marco Túlio Cícero: concepções do discurso religioso no final da República romana / Isadora Buono de Oliveira. Assis, 2014 69 f.</p> <p>Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. Orientadora: Dra. Andréa Lúcia Dorini de Oliveira C. Rossi</p> <p>1. Cícero, Marco Túlio, 106 a. C. – 43 a. C. 2. República Romana (510-30 B. C.). 3. Roma – Religião. 4. Religião e política. 5. Filosofia antiga. I. Título.</p> <p>CDD 292.07 937</p>
------	--

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE (A)

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Andrea Dorini de Oliveira Carvalho Rossi

Orientadora – UNESP

---

Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves- UFG

---

Dr. Nelson de Paiva Bondioli

North-West University- África do Sul

*Dedico este trabalho a meus pais e aos  
meus irmãos.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Rosana Buono de Oliveira e Reginaldo José de Oliveira pelo apoio incondicional as minhas escolhas proporcionando tudo que fosse necessário para que eu pudesse desenvolver meus estudos sem nenhuma preocupação. Também, por serem pais presentes em toda minha jornada educacional. Estendo os agradecimentos ao meu irmão Heron Buono de Oliveira por sempre manifestar apoio ao meu desenvolvimento acadêmico e minha irmã Fernanda Buono Garcia apoiadora à distância.

Agradeço a minha orientadora, Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi, por ser motivadora, paciente e por sua positividade. Por seu comprometimento com a minha orientação durante a Graduação e a Pós-Graduação.

Agradecimentos a todos os professores que contribuíram para minha formação durante a graduação.

Ao professor Dr. Ivan Esperança Rocha por sua participação na banca de qualificação.

Agradeço a professora Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves por suas sugestões para minha pesquisa e pela sua participação na banca de qualificação e defesa. Também ao Dr. Nelson de Paiva Bondioli pela sua participação na defesa e por compartilhar sua biblioteca.

Gostaria de agradecer ao Dr. Fernando Cândido da Silva por suas leituras críticas que proporcionaram o enriquecimento de minha pesquisa.

Aos integrantes do NEAM, principalmente Benedito Inácio e Danieli Mennitti por suas conversas e trocas de experiências sobre suas pesquisas.

Não posso deixar de agradecer as minhas amigas da graduação: Milena, Aline, Carla, Mayara, Patrícia e Juliana. Amizades que surgiram na sala de aula do curso de graduação de História e permaneceram depois da formatura. Muito Obrigada pelos incentivos manifestados por todas.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro para o desenvolvimento de minha pesquisa.

OLIVEIRA, Isadora Buono de. **MARCO TÚLIO CÍCERO: concepções do discurso religioso no final da República romana.** 2014. 69 f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar as especificidades da Religião Romana como elemento do discurso religioso presente nas obras de Marco Túlio Cícero que possuem natureza filosófico-religiosas: *Da Natureza dos Deuses*, *Sobre a Adivinhação*, *Tratado das Leis* e o discurso *Sobre sua casa*. As respectivas fontes agrupam elementos imensuráveis para a compreensão dos debates sobre a Religião Romana no século I a.E.C.. Dessa forma, o aspecto religioso é evidenciado enfatizando o tradicional, pois é um dos principais meios de manutenção da ordem com relação à aristocracia. Essas fontes possibilitam contemplar a percepção de Cícero sobre a Religião, ou seja, apurar o caráter tradicional ressaltado em contraposição aos cultos estrangeiros cada vez mais presentes com a expansão do *Imperium*. Por sua vez, as fontes permitem também a percepção dos expoentes intelectuais e sociais envolvidos nas ramificações discursivas religiosas e políticas no período final da República Romana.

Palavras-chave: Marco Túlio Cícero. República Romana. Roma- Religião. Religião e Política. Filosofia Antiga

OLIVEIRA, Isadora Buono de. **MARCUS TULLIUS CICERO: conceptions of religious discourse in the late roman Republic.** 2014. 69f. Dissertation (Master in History)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

#### ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the specifics of the Roman religion as an element of this religious discourse in the works of Marcus Tullius Cicero that have philosophical-religious nature: *On the Nature of the Gods*, *On Divination*, *On the Laws* and the speech *On his House*. The sources grouped immeasurable elements for understanding the debates on the Roman Religion in the first century BCE. Thus, the religious aspect is evidenced by emphasizing the traditional as it is a better means of maintaining order in relation to the aristocracy. These sources allow to contemplate the perception of Cicero on Religion, that is to establish the traditional character emphasized as opposed to foreign cults increasingly present with the expansion of the *Imperium*. Meanwhile, sources also allow the perception of social and intellectual exponents involved in religious and political discourse ramifications in the late period of the Roman Republic.

Palavras-chave: Marcus Tullius Cicero. Roman Republic. Rome-Religion. Religion and Politics. Ancient Philosophy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	10
<b>CAPÍTULO 1: A PRODUÇÃO CICERONIANA NO FINAL DA REPÚBLICA ROMANA.....</b>	13
<b>1.1. A abordagem metodológica das fontes.....</b>	15
<b>1.2. Análise das concepções religiosas presentes nas fontes.....</b>	19
<b>1.3. O Século I a.E.C. ....</b>	25
<b>1.4. Marco Túlio Cícero.....</b>	29
<i>1.4.1. Sobre sua Casa .....</i>	32
<i>1.4.2. Da Natureza dos Deuses.....</i>	33
<i>1.4.3. Sobre a Adivinhação.....</i>	35
<i>1.4.4. Tratado das Leis.....</i>	35
<b>CAPÍTULO 2: FILOSOFIA E RETÓRICA, RELIGIÃO E POLÍTICA EM CÍCERO.....</b>	37
<b>2.1. Filosofia e Retórica no final da República Romana .....</b>	39
<i>2.1.1. Correntes filosóficas nas obras ciceronianas.....</i>	41
<i>2.1.1.2. Estoicismo.....</i>	43
<i>2.1.1.3. Epicurismo.....</i>	45
<i>2.1.1.4. Academia .....</i>	46
<b>2.2. A Religião Romana .....</b>	49
<i>2.2.1. Religião e Política no final da República Romana.....</i>	52
<b>CAPÍTULO 3: A PERSPECTIVA DISCURSIVA RELIGIOSA NAS OBRAS DE MARCO TÚLIO .....</b>	52
<i>3.1. A Documentação Ciceroniana e os pensamentos filosófico, político e religioso .....</i>	53
<i>3.1.1. Religião e Política .....</i>	53
<i>3.1.2. Filosofia e Religião .....</i>	58
<b>4. Considerações Finais.....</b>	63
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	66

## INTRODUÇÃO

O estudo desenvolvido aqui apresentado emergiu da necessidade de conhecer, de modo mais aprofundado, a relação entre religião e política na sociedade romana antiga. Tal interesse foi despertado já durante o primeiro ano de graduação, mas que somente no terceiro ano de graduação tornou-se projeto de iniciação científica. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram escolhidas como fontes as obras de Marco Túlio Cícero.

Por sua vez, as ideias foram aperfeiçoadas transformando-se em um projeto de mestrado. A pesquisa aqui tratada foi desenvolvida com financiamento da CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior sob a orientação da Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi.

Devido à participação no Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM–UNESP-Assis), utiliza-se a.E.C. (antes da Era Comum) para as datações presentes na dissertação. Essa opção foi adotada pelo núcleo de estudos e resulta da proposta de um consenso de abordagem pelo grupo.

Neste trabalho foi determinado como recorte temporal o período final da República romana, principalmente, por ser um momento de movimentações sociais, culturais e políticas na sociedade romana e tais ramificações proporcionaram posturas e interações significativas da relação da sociedade com a Religião. Com esta perspectiva buscou-se compreender a relação indissociável da relação religião-política nesta temporalidade específica e singular da história romana.

Deste modo, preocupou-se especificamente com a religião oficial romana diretamente com a manifestação e função do culto público neste momento de desagregação da estrutura republicana romana. Assume-se, neste cenário a perspectiva da elite romana como utilizadora dos aspectos político e religioso para a obtenção de coesão e manutenção de poder. Sendo assim, deve-se fazer a análise em meio às novas interações representadas pelos elementos estrangeiros cada vez mais presentes com a expansão do *Imperium*.

Para contemplar tais perspectivas encontradas no discurso ciceroniano, estabeleceu-se como fontes as obras *Da Natureza dos Deuses*, *Sobre a Adivinhação*, *Tratado das leis* e no discurso *Sobre sua casa*. Este corpo documental foi selecionado por fornecer elementos como os aspectos da religião romana articulada com o

pensamento filosófico e, por sua vez, apresentam implícita e explicitamente ideias e posicionamentos políticos.

Por conseguinte, outro aspecto definido para o estudo proposto foi à identificação dos sujeitos relacionados aos padrões discursivos político-religiosos evidenciados nas obras. Agregou-se então, a possibilidade de se refletir sobre os sujeitos que podem ser compreendidos como cidadãos tradicionais romanos.

O fundamento adotado na pesquisa será a Análise crítica de discurso como abordagem teórico-metodológica para desenvolvimento da análise das fontes. Nessa perspectiva consideram-se os parâmetros de Norman Fairclough, os quais considera o discurso como uma prática social. Devido à problematização proposta, mostrou-se a necessidade de estender à atenção também a perspectiva dos grupos envolvidos ao panorama discursivo religioso do século I a.E.C.. Entende-se, portanto, os grupos em aspectos que atrelam os pontos de vista intelectual, político, religioso e filosófico.

O trabalho também trouxe a oportunidade de buscar uma ótica e utilização renovadas para obras de Cícero, pois o caráter tradicional atribuído as suas obras e os temas abordados demandavam a necessidade de serem vistos como parte das movimentações e negociações político-sociais que aconteciam no final do período republicano romano.

No que corresponde à organização do texto, ora proposto, o primeiro capítulo será dedicado a abordar o contexto do século I a.E.C., a discussão sobre autor e apresentação das obras. Este segmento estabelecerá as bases para as análises que serão desenvolvidas no terceiro capítulo.

O segundo capítulo aborda a Filosofia, a Religião, a Política e brevemente a Retórica, determina-se com essas perspectivas os elementos necessários para o desenvolvimento da análise das obras estudadas. Contempla-se, a expressão intelectual, especificamente, as relacionadas às correntes filosóficas que proporcionavam e propagavam as discussões sobre a Religião Romana.

Por fim, no terceiro capítulo são feitas análises mais profundas das fontes. Para tanto, considerar-se-á assim, a visão de Cícero e o contexto religioso-político do período. A partir dessa análise, estabelecer-se-á a relação do cenário religioso com a construção e propagação dos discursos religiosos existentes no período. Nesse momento são analisadas as fontes à luz das discussões até aqui apresentadas para que sejam percebidas as manifestações de Cícero sobre os pensamentos político-religioso e

filosófico e os diálogos discursivos conforme a perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough.

## CAPÍTULO 1: A PRODUÇÃO CICERONIANA NO FINAL DA REPÚBLICA ROMANA

Os escritos de Marco Túlio Cícero consolidaram-se como fontes de diversos temas sobre o século I a.E.C. de modo que a versatilidade de suas obras é indiscutível no que concerne, principalmente, a diversidade temática. Nos estudos de literatura latina, Cícero é uma determinação para um período literário. Nesse sentido, ao abordar a Literatura latina do período entre 90 a 50 a.E.C., D.S. Levine aponta que:

Embora este seja um período do qual uma quantidade substancial da literatura sobreviveu, em sua ampla quantidade de gêneros, mais de 75 por cento dela foi escrita por um único homem: Marco Túlio Cícero. Cícero escreveu discursos, tratados filosóficos e retóricos, cartas e poesias, os quais, simplesmente, em termos de quantidade superam todos os outros escritos existentes do período (LEVINE, 2005, p.31).

Deste modo, para se compreender o discurso religioso romano a partir das obras de Cícero, assim como os grupos sociais relacionados a elas, deve ser considerada a versatilidade da produção ciceroniana presente no corpo documental utilizado como fonte do presente estudo. As obras selecionadas são as de caráter filosófico-religioso: *Da natureza dos deuses*, *Sobre a adivinhação* e *Tratado das Leis* (Livro II). Acresce-se também o discurso *Sobre sua casa*, sobre o qual se adiciona o aspecto retórico.

Desta maneira, se considera algumas observações sobre as fontes e a sua publicação. Ao observar o período da datação das obras e, por conseguinte, relacioná-los com o panorama romano, é perceptível que estas correspondam a momentos importantes da vida do autor e também com a perspectiva política do momento. Nesse contexto, segundo Pierre Grimal (1984, p.289), várias questões políticas determinaram os inimigos de Cícero, como, por exemplo, seu apoio a Pompeu. Outra questão é relacionada ao fato de Cícero, durante seu consulado em 63 a.E.C., frustrar a revolta de Catilina, a execução sem julgamento dos cúmplices de Catilina tornou-se um subterfúgio para seus então oponentes, entre os quais estava César e Clódio Pulcro conseguirem assim votar a lei que o exilava em 58 a.E.C.. Deste modo, tem-se o discurso *Sobre sua Casa* que, de acordo com Beard, North e Price (1998, p.114), tem

sua datação aproximada em 57 a.E.C. O discurso diz respeito ao pronunciamento de Cícero a respeito da perda de sua casa durante o seu período de exílio.

No caso de *Tratado das Leis*, provavelmente escrito por volta de 52 a.E.C., Marino Kury (2004, p.11) aponta o fato do tratado não ter sido publicado em vida pelo autor e, como aspecto de confirmação, cita que o livro não consta na relação de obras estabelecida pelo próprio Cícero em 44 a.E.C.. Por sua vez, em *Sobre a Adivinhação*, Falconer (1923, p.214) evidencia que este tratado foi desenvolvido por Cícero como um suplemento de *Da Natureza dos Deuses*, finalizado em 45 a.E.C.. De modo que grande parte do primeiro livro de *Sobre a Adivinhação* foi escrito antes do assassinato de César, mas o trabalho não foi terminado e publicado até depois deste evento. Lenardo Tarán (1987) evidencia que a discussão sobre *Da Natureza dos Deuses* também pode ter sido uma publicação póstuma e, conseqüentemente, após *Sobre a Adivinhação*.

Em *Tratado das Leis*, Cícero tem como inspiração Platão em aspectos que concernem às influências filosóficas, à utilização da estrutura de diálogo e, não obstante, o nome da obra também foi cooptado. A obra evidencia o diálogo do próprio Marco Túlio Cícero com seu irmão Quinto Túlio Cícero e seu amigo Tito Pompônio Ático. Essa obra era constituída por vários livros, mas apenas três permaneceram conservados. Por sua vez, o livro II consiste na intenção de discutir as leis religiosas, cuja argumentação de Cícero é adicionada à lei natural, na qual o pensamento sobre os deuses e o que estes ordenaram na esfera religiosa é constituído a partir do ponto de vista da razão humana. As leis religiosas são o elemento ao qual Cícero atribui ao sujeito como uma manifestação da mente dos deuses. Configura-se então como um resumo das práticas de cultos existentes em Roma, sobre as quais Cícero recomenda que devam ser observadas porque devem ser obedecidas segundo a razão e a natureza. O real argumento reside no fato de que os rituais em questão são fundados na tradição, convenção e utilidade social. Os deuses participam com os homens na vida comunitária e visam, em certo sentido como os magistrados, o bem comum (SHEID, 1992, p.61).

A obra *Da Natureza dos Deuses* é dividida em três livros. No livro I, Caio Veleio expõe a tese epicurista segundo a qual os deuses não se ocupam das coisas dos homens. No livro II, Quinto Lucílio Balbo expõe a concepção estoica da providência divina que rege o universo. Por fim, no livro III Caio Aurélio Cota levanta objeções à tese estoica em nome de um ceticismo neacadêmico. Na conclusão da mesma obra, Cícero declara a sua inclinação para os argumentos de Balbo.

No tocante a obra *Sobre a Adivinhação*, a mesma divide-se em dois livros. No primeiro, o irmão de Cícero, Quinto, expõe os argumentos em favor da veracidade das artes divinatórias, enquanto que no livro II, Cícero faz a refutação das crenças na adivinhação.

Estudar os escritos filosófico-religiosos de Cícero significa trabalhar com a interação de seus textos para que seja possível a compreensão das especificidades de suas concepções sobre a Religião. Com esta magnitude é que as obras ciceronianas permitem contemplar a perspectiva expressa no âmbito literário. Em suas obras, a Religião de Estado romana é exposta, principalmente, em seu caráter filosófico e político. Por sua vez, com ênfase primordial nos elementos vitais para manutenção e permanência do poder da elite romana.

### **1.1. A abordagem metodológica das fontes**

Trabalhar com fontes da Antiguidade exige a utilização de procedimentos metodológicos que permitem a sua apreciação pormenorizada. Tendo em vista as três obras de cunho filosófico-religioso de Cícero supracitadas, assim como uma de natureza retórica, dever-se-á considerar suas perspectivas interpretativa e discursiva.

Na ótica de François Hartog (2003, p. 201), o texto se apresenta, na realidade, antes de tudo, como uma narrativa, com sua arquitetura e lógica; organiza-se entre um narrador e um destinatário e articula-se diante dos outros textos, contemporâneos ou não, diante de um gênero de saber compartilhado. O texto se inscreve, ao ser publicado, no que a estética da recepção denomina de horizonte de expectativa. Sumariamente é evocada uma primeira dimensão horizontal do texto, de modo que os parâmetros metodológicos devem ser observados no aspecto interpretativo. Ainda sobre o assunto, Umberto Eco expressa que:

[...] quando um texto é produzido não para um único destinatário, mas para uma comunidade de leitores, o/a autor/a sabe que será interpretado/a não segundo suas intenções, mas de acordo com uma complexa estratégia de interpretação que também envolve os leitores, ao lado de sua competência de linguagem enquanto tesouro social. Por tesouro social entendo não apenas uma determinada língua enquanto conjunto de regras gramaticais, mas também enciclopédia que as realizações daquela língua implementaram, ou seja, as convenções culturais que uma língua produziu e a própria história das

interpretações anteriores de muitos textos, compreendendo o texto que o leitor está lendo (ECO, 2005,p. 80).

Deste modo, o trabalho com fontes escritas, como as obras de Cícero, que foram amplamente utilizadas e interpretadas, apresenta a necessidade da consideração de uma história das interpretações anteriores de suas obras. Estas estabelecem representações que constituíram paradigmas determinantes para a análise das obras ciceronianas.

Um dos conceitos também importantes para o estudo destas fontes é o de *intentio auctoris* desenvolvido por Umberto Eco e que evidencia a função decisiva do autor na composição da sua obra. De forma que, no caso de Cícero, se observa o aspecto estratégico da natureza, modelo e temática das obras *Da Natureza dos Deuses, Tratado das Leis e Sobre a Adivinhação e Sobre sua Casa*.

Também é imprescindível considerar a *intentio operis* (*intenção do texto*). Eco (2005, p.76) aponta que reconhecer a *intentio operis* é reconhecer uma estratégia semiótica; sendo que, às vezes, a estratégia semiótica é detectada com base em convenções estilísticas estabelecidas. No caso das obras de Cícero, esta estilística pode ser verificada na disposição em diálogo em *Da Natureza dos deuses, Sobre a Adivinhação e Tratados das Leis* e a estrutura discursiva de *Sobre sua casa*.

Por conseguinte, faz-se necessário a utilização da própria retórica como meio de extração de informações dos agentes que eram propagadores de discursos. O discurso retórico caracterizava-se por não veicular marcas do seu executor, ou seja, não deixava transparecer diretamente determinados elementos como, por exemplo, a posição social de quem proferisse o discurso, pois, teoricamente, o discurso deveria ser neutro. Todavia, em suas obras, Cícero possivelmente fez escolhas estratégicas na seleção dos debatedores e dos discursos a serem interpolados.

Em relação à oratória, segundo Catherine Steel (2013, p. 4), esta pode ser vista como uma habilidade altamente relevante para a atividade Política. Deve-se ressaltar a influência que a situação política da República teve na oratória de Cícero. Assim, para Steel (2013, p.5) um cético pode arguir que a aparente importância do discurso público na República é uma miragem ciceroniana, que muda a direção distorcida transmitida da República através do início do Império e a além dele.

Por sua vez, as influências culturais helenísticas deram o tom dos diversos escritos de Cícero de modo que, fazendo a apropriação da filosofia para expor seu discurso, evidenciou essa influência, mas a representou como um romano e, por sua vez,

como um indivíduo cercado pelos elementos culturais que se articulavam na sociedade em que vivia. Desta forma, estoicismo e epicurismo permearam suas obras, mas em sua vivência romana, o caráter destas notadamente tinham suas especificidades devido ao contexto e temporalidade particulares que não eram os mesmos da perspectiva helênica. Tal perspectiva pode ser percebida na citação de *Da Natureza dos Deuses*:

É que homens eruditos, que estudaram em instituições gregas, não podiam comunicar o que tinham aprendido aos seus concidadãos, porque não acreditavam que se pudesse dizer em Latim aquilo que tinham bebido dos Gregos; mas, quanto a mim, considero que temos evoluído de tal modo nessa matéria que já não ficamos atrás dos Gregos em riqueza de vocabulário (CÍCERO, I, 8).

Dessa maneira, de acordo com Pierre Grimal:

Toda literatura da época dominada pela figura de Cícero testemunha este trabalho sobre a língua, que é, ao mesmo tempo, gerador de um pensamento original. Criou-se, assim, todo um arsenal de conceitos, a partir do modelo dos Gregos, mas com variações importantes – e o curso da história determinou que o pensamento ocidental herdasse não diretamente os arquétipos helênicos, mas a sua cópia latina. O que não deixou de ter grandes consequências no futuro (GRIMAL, 1984, p.139).

Neste contexto, deve-se considerar a diferença entre a disseminação dos textos no mundo antigo e as publicações modernas, em que a difusão da obra primeiramente acontecia entre os indivíduos próximos do autor. No caso de Cícero, pode-se indicar como leitor principal de suas obras o seu amigo Ático e, em instância fora do círculo familiar, tem-se Terêncio Varrão e Marco Júnio Bruto para os quais o orador romano dedicou textos filosóficos (MURPHY, 1998, p. 492,498).

Desta forma, visando o reconhecimento das especificidades dos grupos intelectuais, considera-se a perspectiva de Sirinelli (1986, p.99), a qual permite a reflexão sociológica e cultural sobre elementos criadores e mediadores culturais. Também se pode utilizar o conceito de geração para tratar a associação do perfil e a produção intelectual considerando as diversas temporalidades. Não obstante, Sirinelli sinaliza para o caráter endógeno das elites culturais e, nesta especificidade, é onde existe o manancial da vida intelectual para ser estudado.

A colaboração da filosofia para a observação das correntes filosóficas e da perspectiva religiosa é importante, mas para breve elucidação; pois, como foi exposto, o objetivo é a compreensão sobre a sua perspectiva histórica e não no aprofundamento do caráter filosófico. Dessa maneira, entre estudiosos, é recorrente levantar a possibilidade da evidência de que os posicionamentos filosóficos de Cícero poderiam ser apenas um artifício de natureza argumentativa literária. Tal possibilidade remete à posição da sociedade romana ou, mais especificamente, daqueles que se localizavam em segmentos privilegiados e que contemplavam esses elementos. Assim, desencadeia-se prontamente a necessidade da preocupação com o discurso produzido. Deste modo

[...] o discurso é visto como uso da linguagem como forma prática social, implicando em modo de ação e modo de representação. Estabelece-se uma relação dialética entre discurso e estrutura social: *discurso* é uma prática tanto de representação quanto de significação do mundo, constituindo e ajudando a construir as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimentos e crenças (GUIMARÃES, 2001, p.17).

Diante deste quadro, faz-se necessário uma abordagem teórico-metodológica que permita compreendê-lo claramente. Para isto, adota-se a Análise Crítica do Discurso, considerando a perspectiva teórica de Fairclough na qual o discurso é entendido como prática social. Por fim, sobre o assunto, assume-se a sua concepção de discurso:

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as “constituem”; diferentes discursos constituem entidades-chaves (sejam elas a “doença mental, a “cidadania” ou o “letramento”) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como médicos e pacientes), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso. Outro foco importante localiza-se na mudança histórica: como diferentes discursos se combinam em condições sociais particulares para produzir um novo e complexo discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p.22).

## 1.2. Análise das concepções religiosas presentes nas fontes

Pode-se dizer que, em muitos aspectos, é possível identificar uma diferenciação das religiões presentes no final da vida republicana em Roma. Nesta diferenciação entre a própria Religião Pública Romana e os cultos estrangeiros estão presentes elementos que denotam expressões de concepções religiosas nos discursos apresentados nas fontes estudadas. Nesse panorama, a religião está intrinsecamente ligada às escalas da existência da sociedade Romana, haja vista seu papel fundamental na origem das leis, na constituição do próprio Direito Romano e, essencialmente, na definição do cidadão tradicional romano que é o sujeito que congrega, na prática, todos estes elementos.

Ao abordar as religiões na Antiguidade, Dukheim (1996, p.xv) enfatiza que, nem o pensamento nem as atividades religiosas, encontram-se igualmente distribuídos na massa dos fiéis conforme os homens, os meios e as circunstâncias; tanto as crenças como os ritos são experimentados de formas diferentes. No que concerne à religião romana, deve-se pontuar o aspecto ritualístico e a defesa da tradição.

Tem-se a perspectiva que, predominantemente, os estudos historiográficos nas últimas décadas enfatizaram a faceta da religiosidade romana relacionada aos cultos estrangeiros na tentativa de dar visibilidade aos outros segmentos da sociedade romana e não somente ao conjunto da elite romana. No entanto, deve-se atentar para a importância de se refletir sobre este segmento isolado que se encontra em uma posição aparentemente cristalizada e definida dentro dos estudos sobre a Antiguidade, deixando de ser problematizado. Esses cidadãos tradicionais romanos encontravam-se inseridos na dinâmica social do seu período e, por isso, torna-se importante que estes sejam problematizados sob uma nova ótica.

Outro aspecto presente nas análises sobre a religião pública romana é a questão de seu declínio. No tocante a esta questão, compartilha-se da opinião de Beard, North e Price (1998, 117), na qual a ideia de “declínio” foi motivada pela associação da perspectiva religiosa com a crise política – tal entendimento embasou a interpretação de que a religião estava em declínio.

Nas obras de Cícero aqui tratadas, encontram-se possibilidades significativas para contemplar as perspectivas dos discursos religiosos na Roma do período, além de permitir indagar sobre a ramificação social que integrava tal panorama discursivo. Especialistas em religião romana, como a já citada Mary Beard (1986, p.36), evidenciam as prerrogativas relacionadas ao ponto de vista de que as obras de Cícero possibilitam uma significativa contribuição no que diz respeito à temática da religião. Com relação à obra *Sobre a adivinhação*, isto pode ser demonstrado pelos apontamentos de Beard (1986, p.36) ao afirmar que esta representa um importante estágio do desenvolvimento cultural em Roma na definição do conceito de religião, já que, pela primeira vez, esta definição pode ser percebida como assunto independente no discurso, seguida pelo *Da natureza dos deuses*, livro que complementa *Sobre a adivinhação* – motivo pelo qual a análise dessas duas obras deve ser feita realizada conjuntamente.

Por sua vez, o livro II de *Tratado das Leis* representa a perspectiva do Direito romano em relação à perspectiva religiosa, assunto este que também pode ser percebido em *Sobre sua casa*, no qual Cícero defende o próprio direito a sua propriedade, evidenciando, assim, os aspectos legais atrelados às demandas religiosas.

Desta forma, compreende-se a relação religião-política a partir da premissa de que estas são elementos indissociáveis da sociedade romana. Para o entendimento do respectivo dado, através da expressão retórico-discursiva das obras de Cícero, contempla-se a forma em que os elementos religiosos e políticos eram abordados no século I a.E.C. em meio à desagregação da República. Deve-se, também, atentar-se ao fato da recorrência da religião como assunto de debate no período, de modo que, para Rawson (1985, p.299), essas discussões frequentemente se relacionavam com a perspectiva da tradicionalidade da religião romana.

Neste posicionamento insere-se a perspectiva da defesa dos segmentos da aristocracia, da qual Cícero faz parte. Tais segmentos aristocráticos encontravam-se atravessando a movimentação das estruturas políticas com a turbulência na qual se encontrava a república romana no período. Observa-se no livro II de *Tratado das Leis* a exaltação da perspectiva tradicional do culto público em contrapartida ao culto estrangeiro. As citações seguintes evidenciam a questão:

Os cultos particulares, dos novos ou dos estrangeiros, dão origem à confusão religiosa e introduz atos desconhecidos por nossos sacerdotes (CÍCERO, *Tratado das Leis*, II,10).

Cumpram-se as cerimônias públicas e privadas como prescritas e dentro de seus rituais, e os que as ignorarem sejam instruídos pelos sacerdotes públicos. Deles haverá três categorias: uma, dos que presidem as cerimônias e os ritos sagrados; a segunda, dos que interpretam revelações obscuras feitas pelos adivinhos e profetas, reconhecidos como tais pelo Senado e pelo povo; e, finalmente, dos interpretes de Júpiter Máximo, ou áugures públicos, que preveem o futuro por sinais e auspícios, observando estritamente as regras fixadas (CÍCERO, *Tratado das Leis*, II,8).

As concepções evidenciadas em *Da Natureza dos Deuses*, *Sobre a Adivinhação* e *Tratado das Leis* possuem, de forma análoga, a influência política, de modo que a visão ressaltada é fundamentada no contexto de desagregação da república romana, assim como o elemento estrangeiro torna-se mais pronunciado com o panorama do *Imperium* no período. Dessa forma, o aspecto religioso é evidenciado enfatizando o tradicional, pois é um dos principais meios de manutenção da ordem com relação à aristocracia. Por conseguinte, a religião encontra-se como elemento de ratificação da cidadania tradicional romana em contraposição ao aspecto estrangeiro.

Na perspectiva do discurso *Sobre sua Casa* nota-se a percepção das disputas políticas quando as mesmas se desenrolam na utilizando a esfera religiosa e em argumentos igualmente religiosos. No trecho abaixo, nota-se a exaltação de Cícero quando seu adversário utilizou o elemento religioso contra ele:

[...] Esta ação, que os homens descuidados nunca deixarão de ridicularizar, mas cidadãos mais sérios não podem ouvir sobre sem grande indignação; Públio Clódio haveria perversamente mudado a religião mesmo fora da casa do *Pontifex Maximus* introduzindo isto dentro da minha? Vocês, você que são os ministros das cerimônias religiosas e sacrifício admitem este homem ser um criador e regulador da religião pública? Ó deuses imortais! (pois eu desejo que vocês escutem essas coisas), que Públio Clódio tem conduzido seus ritos sagrados? Será que ele sente um reverente temor de seu poder divino? Ele é um homem que pensa que todos os assuntos humanos são regulados pela sua providência? Não está ele menosprezando a autoridade de todos estes homens eminentes que estão aqui presente? Ele não está abusando de sua autoridade, Ó sacerdotes? Pode qualquer expressão da religião escapar ou cair desta boca? Devido a religião que com esta mesma boca você tem mantido as mais criminosas e vergonhosas violações, por acusar o senado de passar sérios degraus sobre a religião. (CÍCERO, *Sobre sua casa*, XXXIX)

Considerando-se então a perspectiva de uma política religiosa e da repercussão desta no cotidiano da sociedade romana:

Como parte da vida pública romana, a religião foi (e sempre tinha sido) uma arte de lutas e desentendimentos na cidade. Disputa que são em nossos termos preocupações com poder e controle político, foi em Roma necessariamente associada com demandas rivais para as especialidades religiosas e demandas rivais por acesso privilegiados aos deuses (BEARD, NORTH, PRICE, 1998, p.134).

Não obstante, salienta-se o fato da religião tornar-se assunto frequente do discurso romano, de uma forma diferenciada no que concerne ao fato de ser desenvolvida por meio de preceitos filosóficos. No entanto, evidencia também sua perspectiva tradicional ao tratar costumes romanos que não poderiam ser substituídos pelo modo helenístico, de acordo com a constituição do *Imperium* romano. Neste cenário, Cícero se apresenta como principal expoente na tentativa de conciliar a Filosofia Grega e a forma tradicional de pensamento romano.

No excerto abaixo, percebe-se o aspecto cultural ligado à filosofia, assim como a questão política agregada à perspectiva filosófica. Tal situação resulta do fato de Cícero recorrer à filosofia para discorrer sobre os problemas romanos, segundo citação de *Da Natureza dos Deuses*:

E se realmente tem a filosofia influência sobre as nossas vidas, julgo mesmo que ela sempre esteve presente na minha vida, nos assuntos públicos ou nos privados, quer por força da razão, quer por força da educação que tive. E se uma vez mais me perguntassem que motivo me levou a consagrar por escrito tais ideias, nada há mais fácil de explicar. Quando andava afastado da política em virtude da República ter chegado a um estado em que foi necessário a um só homem tomar o poder, pensei que seria necessário explicar a filosofia à República, tendo para mim que de magno interesse para a honra e glória da cidade trazer ao Latim ideias sérias e nobres (CÍCERO, *Da Nat. dos Deuses* I,7).

Ao tratar-se da opção de Cícero por desenvolver as temáticas através da filosofia e, sendo considerada a sua situação política naquele momento, torna-se perceptível então, a preocupação do orador romano ao longo de sua escrita a respectiva ação. No entendimento de Gibson e Steel:

Em toda sua escrita retórica e filosófica, Cícero se preocupou justificar a atividade como uma ocupação adequada para o *otium* de um magistrado romano, mas estas preocupações assumem especial ressonância após a guerra civil, onde não há *negotium* como contrapeso. A escrita da filosofia é a apresentada como a melhor maneira que nessas circunstâncias pode cumprir seus deveres para com o Estado (GIBSON. STEEL, 2010, p.118).

Neste caso, é evidente que o culto público, prática inerente à religião romana, constitui uma forma de ligação entre os cidadãos e a formação de sua identidade como romano. Dessa maneira, pode-se afirmar indubitavelmente a relação intrínseca entre religião e a vida romana, na qual os aspectos religiosos e políticos são indissociáveis. Para os romanos, a religião consistia em cultivar a correta forma de relação social entre os deuses e os homens. John Scheid (2003, p.23) aponta a existência de uma definição de *religio* descrita por Cícero em *Da natureza dos Deuses* que significa o “pio culto dos deuses”. Ou seja, a pura relação entre os homens e os deuses é estabelecida através das práticas rituais de cultos cotidianos exercidos pelos cidadãos romanos como uma das premissas para a sua condição como tal. Sobre o assunto, segundo Siqueira:

A respectiva definição de *religio* apresentada por Cícero é também aquela de *religiosus*, do homem que pratica a *religio*. Ambas enunciam alguns cânones típicos e característicos das antigas tradições sacras. Por exigência de demonstração Cícero coliga não tanto o termo *religio*, mas o adjetivo *religiosus*, com o verbo *relegere*. Ao passo que no *De natura deorum* o autor procura definir o sentido de *religiosus*, isto é do homem que pratica a religião e, portanto, não de *religio* enquanto tal, se bem que desta última noção se falará em tantos outros lugares no *De natura deorum*. Cícero conecta explicitamente *religiosus* com *relegere* em oposição ao “supersticioso” (SIQUEIRA, 2006, p.20).

A compreensão do papel dos rituais e suas formas de manifestação possibilitam a percepção pormenorizada do comportamento político-religioso romano. No cumprimento de suas práticas eram expressas as ramificações culturais e religiosas presentes nestes ritos, assim como as demandas e transformações que ocorriam em suas manifestações públicas. Estes rituais eram permeados por interesses correntes, fato explicitado nas obras elencadas como fontes para este trabalho. Para melhor compreensão sobre a temática, tem-se a passagem de *Sobre a Adivinhação*:

No entanto, por respeito à opinião das massas e por causa do grande serviço ao Estado mantemos as práticas augurais, disciplina, leis e ritos religiosos, bem como a autoridade do Colégio Augural (CÍCERO, *Sobre a Adivinhação*, II, 70).

Por sua vez, juntamente com a consideração da relação binomial entre religião-política caracterizando a sociedade romana, também é necessário pensar sobre os grupos sociais envolvidos nestes debates e, também, na propagação de discursos no momento. Nesta linha de pensamento, os já citados Beard, North e Price (1998, p.118) expressam que não podemos imaginar os pobres urbanos ou rurais, que faziam parte da vasta maioria dos cidadãos, participando das discussões teológicas evidenciadas por Cícero – estas discussões seriam passatempo de poucos, mesmo dentro da elite.

Nesse cenário, apresenta-se como elemento importante a compreensão do desenvolvimento intelectual em Roma. Segundo o ponto de vista de Rawson (1985, p.19), tal desenvolvimento intelectual foi fundamentalmente definido pela influência do leste grego e da cultura grega, mas o conhecimento já existente na península Itálica não pode ser esquecido. Ademais, ressalta-se que as expressões culturais da cultura helenísticas não se tornaram populares entre a elite romana instantaneamente. Porém, Rawson (1985, p. 283) evidencia que a preocupação com as perspectivas filosóficas tornou-se mais evidente na metade do século I a.E.C. nas sátiras de Lucílio e na prosa de Varrão. Dessa maneira, aos poucos, os autores romanos foram publicando obras permeadas pelas correntes filosóficas estoica, epicurista e acadêmica.

A versatilidade de Cícero nos diversos gêneros de trabalho é nítida, sendo que este orador romano também se destaca no simples aspecto de quantidade indiscutível de obras com relação aos seus contemporâneos. Entre estes, pode-se citar Varrão, Salústio, Júlio César e Lucrécio; cada um destes nomes tinham ligações com Cícero, sendo que César e Salústio eram seus contemporâneos políticos e rivais. Cícero é a personagem principal na primeira monografia de Salústio, *A Catilinária*, que descreve a revolucionária conspiração frustrada, época em que Cícero era cônsul, em 63 a.E.C.. Já o contemporâneo Varrão dedicou parte de seu *Da Língua Latina* ao orador romano. Cícero era bastante próximo de ambos, Salústio e Varrão, pois, adicionados à Hirtius, eram personagens frequentes de seus diálogos filosóficos (LEVINE, 2005, p.32).

Nesta perspectiva, considera-se relevante compreender a maneira com que os grupos presentes nos discursos das principais correntes filosóficas vigentes no período se posicionavam no panorama intelectual romano. Ou seja, faz-se necessário identificar

os elementos característicos e a utilização dos fundamentos filosóficos e religiosos das respectivas vertentes filosóficas para constituir as argumentações. Estes elementos são perceptíveis pelas próprias escolhas de Cícero nas obras aqui utilizadas como fontes, nas quais o autor faz interposições das ideias estoicas, epicuristas e acadêmicas, de acordo com a necessidade do tema que busca tratar.

Tendo em vista o exposto, torna-se importante a percepção do significado de Cícero ao se colocar como um produtor de conhecimento e propagador de ideias. Tal fato é importante, assim como a sua determinação de fazer parte da constituição das personalidades públicas no período, como, por exemplo, Caio Júlio César. Segundo T. Murphy (1998, p.492), Cícero, em muitas das suas obras, buscou promover o Latim como uma língua filosófica que expressasse diretamente a perspectiva política e social romana. Assim sendo, suas escolhas de audiência e a maneira como Cícero reuniu essas informações, lançam uma interessante luz em ambas às agendas de promover o Latim como uma linguagem filosófica, assim como promover a cultura romana de publicação. Pode-se dizer então, que a circulação das obras ocorreu, em primeira instância, em meio próximo ao autor; o que, em alguns casos, prosseguiu para a ocorrência de cópias que, por sua vez, ganhou lugar fora no círculo principal ocorrendo a difusão para tornar a obra verdadeiramente publicada.

### **1.3. O Século I a.E.C.**

O movimentado século I a.E.C. da República romana encontra-se imbuído de uma significativa carga simbólica na História romana. Neste dado século a República encontrou-se em dos seus momentos mais ricos, turbulentos, destrutivos e seu fim. Não obstante, Pierre Grimal em um de seus livros nomeou o capítulo que trata sobre este período de *O Fim de um Mundo*.

Destaca-se então uma série de situações de natureza política que deixaram marcas nas escalas de vida da sociedade romana. Tais eventos que vão da Guerra Social (91-89 a.E.C.) entre os romanos e itálicos. Soma-se então, com a Guerra Civil e Sila tornando-se Ditador 83-82 a.E.C. e o assassinato de César em 44 a.E.C..

Tais eventos conturbados que constituem o século I a.E.C. acabam de fomentar a ideia de desagregação que pode ser entendida ao considerar-se dois desdobramentos. O primeiro a considera a periodização que se compreende como República. A outra é a

evidenciação da percepção de Cícero dos elementos que enfraqueciam a sua ideia de República.

Por sua vez, Fav ersani enfatiza que muitas vezes ao se contemplar a transição do período da República para o Império, a perspectiva do longo período de tempo e da tentativa de determinar elementos parâmetros para a ruptura é presente:

A crise da República, como fica claro aqui, corresponderia a uma queda que durou mais de cem anos. Convenhamos que é preciso admitir ao menos que é uma queda quase infinitamente longa. É difícil pensar um ponto, uma linha entre parágrafos que corresponda a cem anos. Mesmo sendo adeptas da ideia de uma ruptura, as narrativas historiográficas da passagem da República ao Império apontam este processo em dois tempos: o fracasso de César e o sucesso de Augusto. Teríamos dois pontos muito próximos, quase confundidos um com o outro?

Considerando o que pensa Cícero à época de seu exílio, teríamos muitos pontos, que derivariam tanto da natureza da aristocracia romana e da busca desmedida por glória quanto em razão de seus vícios, que levavam à ruína e a buscar retirar dos outros o que não lhes pertencia. (FAVERSANI, 2013, p.104)

Nesta perspectiva, Fav ersani assim como Harriet Flower expressa à necessidade de se problematizar a noção de “República” como periodização. Pois ao se tratar da transição da República para o Império, Fav ersani (2013, p.103) opina de forma semelhante com Flower de que os historiadores ao tratam a questão como a algo determinado que consiste na premissa de que assim que a República termina o automaticamente surge o Império. Como Flower (2004, p.2) evidencia para muitos historiadores a datação (509- 49 a.E.C.) apresenta-se instituindo um padrão condicionante de análise a República tem seu fim com César invadindo a Itália. Outras estudo atribuem o momento final para a Batalha de Ácio em 31 a.E.C. ou para Otávio tornando-se Augusto em 27 a.E.C.. No entanto, Flower expressa à periodização “República” pode ser restrita pela arbitrariedade de tais datações.

Considerando-se a perspectiva da ideia de República como periodização, Harriet Flower (2004, p.I) expõe que a República é um período histórico que significativamente longo que compreende por volta de quintos anos de variações políticas, militares e mudanças culturais. Ou seja, Roma surgiu como uma pequena cidade tornou-se ao longo desses séculos na capital de um extenso império Mediterrânico. Ainda de acordo com Flower (2004, p.1), durante estes séculos foi produzido o sistema político republicano clássico que marcou a cultura romana, mas que foi desintegrando por disseções internas. Flower demonstra que a periodização

conhecida como República não é uma definição cristalizada, mas que perpassa vários elementos que vão desde a discussão do significado do termo “*res publica*” até as considerações historiográficas.

Ao abordar a discussão sobre a periodização e a divisão entre República e Império Juliana Bastos Marques discute os aspectos territorial e expressa:

No entanto, dentro do período que costumamos balizar como “República”, a expansão territorial romana passa a se dar progressivamente com mais vigor a partir do início do século III a.C., com a Primeira Guerra Púnica, resultando na anexação de boa parte da Sicília e na transformação de Roma como nova potência naval, em confronto direto com Cartago pelo domínio do Mediterrâneo. É daí que passamos a entender a extensão do novo território romano como um “império”, no que vemos também como esse termo adquire outra conotação fora de seu uso e significado originais. A palavra latina *imperium* significa comando, ordem, autoridade, controle – assim, magistrados como os cônsules e pretores possuíam *imperium* no contexto militar, o controle das tropas. É do *imperium* de um magistrado que vem o direito de ser acompanhado dos lictores com os fasces. Da mesma forma, conquistadas novas terras e povos, Roma passava a possuir *imperium* sobre eles. Assim, é fácil perceber como o termo “império” com o significado de território, espaço físico, passa progressivamente a ser utilizado por extensão à ideia de domínio. Só assim podemos entender como a adoção do termo com esse significado foi gradual, por vários séculos, e muito mais nuançada para os romanos do que para os historiadores posteriores. (MARQUES, 2013, p.133)

Ao citar Steven Rutledge, Favarsani (2013, p.108), enriquece a discussão trazendo a noção de “balcanização” que evidencia que o fortalecimento imperial não restringiu o poder do senado ou competição política. Não obstante, Favarsani propõe a seguinte abordagem:

“(..) pensar República e Império como tendo múltiplas fronteiras, conforme se pense experiências históricas diversas. Ainda mais, propomos pensar a divisão entre República e Império não como uma ruptura, mas como uma fronteira”. (FAVERSANI, 2003, p. 109)

Tendo em conta a enunciada a percepção dos elementos que desagregavam a República. A ordem política republicana difundiu as suas agendas que influenciaram a existência de todos os cidadãos romanos neste período. De acordo a concepção de Claudia Beltrão Rosa para Cícero a crise consistia:

Seu diagnóstico da crise da *res pública* é eminentemente moral e aristocrático. Para ele, a aristocracia romana falhara em seu propósito

ao abordar o vigor e a virtude e dos *maiores*. Defendia ser preciso, com urgência retomar a antiga harmonia, unindo a aristocracia romana numa falange única, pela reforma da conduta de seus membros. Cícero, pensador político, parecia ter esperança de, se não reformar a conduta de seus pares, ao menos educar os jovens da aristocracia, de quem acreditava depender a ação futura em seu *optimus status rei publicae*. (ROSA, 2010, p.52-53).

Nesta análise, será objeto de atenção o cidadão tradicional romano, o indivíduo que defende e se beneficia da manutenção da tradição e o *mos maiorum*. Com Rüpke (2007, p.78) entende-se *mos maiorum*, na perspectiva da atenção dos valores, virtudes e preservação dos costumes ancestrais. Relacionar-se-á então estes aspectos com as concepções evidenciadas por Cícero, segundo Rosa (2010, p.53):

As ideias de Cícero não dizem, então, respeito à população romana em geral. Seu foco remete-se exclusivamente à aristocracia geral. Seu foco remete-se exclusivamente à aristocracia romana, designadamente as duas *ordines*, senatorial e a equestre, de onde provinha e na qual acreditava ser possível recriar as antigas virtudes, por meio da educação. Por toda a sua obra, portanto, Cícero assume a legalidade e a propriedade das instituições republicanas e da tradição conservadora da hierarquia social romana, e foi um dos seus maiores propugnadores. (ROSA, 2010, p.53)

Em uma Roma cada vez mais receptora de elementos estrangeiros e com esses mais intrincados no seu cotidiano, a defesa da tradicionalidade tornou-se sinônimo da manutenção do poder político e social do segmento aristocrático romano. É importante a consideração de que estes segmentos privilegiados eram heterogêneos e possuíam suas especificidades.

É necessário pensar na Roma do I século a.E.C. em sua efervescência no período, assim como na sua cada vez maior proeminência do elemento estrangeiro ainda mais manifesto no âmbito religioso. O que remete à reação e busca da exaltação dos costumes tradicionais em meio às negociações sociais, políticas e culturais.

No panorama intelectual, percebe-se a abordagem de temas que reforçam a perspectiva de negociação e articulação entre o elemento estrangeiro e o tradicional na sociedade romana. Por sua vez, ao abordar a temática concernente à religião torna-se perceptível quando o elemento tradicional é exaltado como a correta prática religiosa e como o pilar para a manutenção das estruturas da República. O seguinte excerto de *Tratado das Leis* é exemplificativo e trata dos ritos e cerimônias mostrando a permanência como elemento de integração:

Quanto às condições da paz, da guerra e das tréguas ajam os faciais (*sic*) como negociadores não como vingadores; e decidam eles sobre a declaração das guerras. Aos *arúspices* etruscos sejam submetidos os prodígios extraordinários, a critério do Senado, e na Etrúria ensinem-se as regras de tal ciência aos cientificamente mais dotados. Ofereçam-se sacrifícios expiatórios aos deuses conhecidos, conjurem-se os presságios relâmpagos, purificando-se as coisas tocadas pelo raio. Não participem as mulheres dos sacrifícios noturnos, a não ser dos oficiais, nem sejam iniciadas em cerimônias que não sejam os mistérios gregos de *Ceres*. (CÍCERO, *Tratado da Leis*, II, IX)

Assim como no caso dos grupos intelectuais é importante ressaltar que mesmo dentro de um segmento social existe heterogeneidade. Esta diversidade interna no que correspondia à elite romana traduzia-se em perspectivas diferentes na maneira de transitar no momento turbulento em que Roma se encontrava.

#### 1.4. Marco Túlio Cícero

Discorrer sobre a Biografia de personalidade histórica normalmente é um exercício de utilização de um molde e forma que dificilmente desvencilha-se deste. A narrativa sobre a vida de M. Túlio Cícero indubitavelmente é narrar o contexto histórico-político do último século da República. Todavia um elemento acaba sendo presente que são as informações sobre as origens.

Segundo Catherine Steel (2013, p.1-30), Marco Túlio Cícero nasceu em 3 de Janeiro de 106 a.E.C. em Arpino na Itália Central que ficava a 100 Km de Roma. Essa cidade, a despeito de sua distância de Roma, era uma comunidade de cidadãos romanos que estavam nesta posição desde que o povo romano votou em 188 a.E.C. e concedera essa cidade tal *status*. A família de Cícero era uma das abastadas de Arpino e, por sua vez, conectada com a elite política e social em Roma. Essa cidade era também local de nascimento de Caio Mario que foi cônsul romano e parente da família Túlia por casamento.

Com intuito de fazer uma apresentação diferenciada sobre a vida de Cícero neste primeiro momento, destacar-se-á então os aspectos da sociedade romana que fundamentam as relações do contexto social em que ele estava inserido.

A organização da sociedade romana e das instituições romanas repousava sobre a influência determinante que alguns indivíduos e grupos exerciam sobre o corpo social. Ela se exprimia, sobretudo, em instituições cujo papel na vida política era considerável, como a *amicitia* e a *clientela*, que, no final da República, ultrapassavam as fronteiras da *urbs* e se estendiam já a províncias inteiras. Nesta sociedade, fundada sobre a coexistência de uma minoria poderosa e ativa, e uma maioria submissa, as redes de *amicitia* e *clientela* exprimiam a natureza da política romana na República tardia. Cícero se esforçou para dar uma justificativa filosófica e moral às relações de poder romanas, e propugnou uma reforma moral e uma preparação formal dos políticos, surgindo, para nós, como um espelho da crise política das últimas décadas da República romana. (ROSA, 2010, p.23)

Em sua juventude, com a influência de seu pai, teve contato com um distinto círculo de pessoas em Roma para onde foi para aperfeiçoar sua educação. Entre os seus conhecidos incluíam M. Antônio que foi cônsul em 99 a.E.C, grande orador e avô de um dos inimigos políticos de Cícero o general Marco Antônio , e também L. Licínio Crasso. As oportunidades por associar-se com estes homens significava um suplemento formal à estrutura de treinamento retórico conduzida na Grécia. Cícero também começou seus estudos sobre as leis atendendo as sessões de aconselhamento de Q. Múcio Sévola e lá conheceu Ático. Esse período foi abalado pela guerra entre Roma e seus aliados italianos no fim de 91 a.E.C.. Nesse momento, Cícero serviu no exército de Pompeu e de Sila. (STEEL, 2013)

Marco Túlio Cícero era um *novus homo* que consistia que ele era o primeiro membro de sua família a se tornar um senador romano. O que geralmente o patamar mais alto geralmente alcançado no *cursus honorum* por um *novus homo*, no entanto Cícero foi um indivíduo desta posição que conseguiu um feito especialmente difícil chegando ao consulado.

Os *nobiles*, a elite governante de Roma, constituíam-se mais especificamente das famílias com um ancestral que tivesse alcançado a posição consular (BOATWRIGHT, GARGOLA, TALBERT, 2004, 486). O caso de Cícero evidencia a transição condicional com relação à posição social, pois mesmo este tendo chegado a posição de cônsul ele não possuía a ancestralidade.

De acordo com Rosenberger (2007, p.292), o Senado possuía um poder político dominante durante o período republicano romano, dessa forma os senadores possuíam o ofício mais elevado. Não obstante, dentro do senado a “Nobiles” formava a elite de

modo que a maioria deles faziam parte das famílias mais bem sucedidas e que chegaram ao consulado por várias gerações. A família que mais tinha cônsules a cada geração foi a Cláudia. Uma questão interessante relaciona a esta constatação é que um dos principais inimigos de Cícero pertencia à família Cláudia e esse era Públio Clódio Pulcro. Entretanto, Clódio, em suas atuações políticas não ortodoxas, para concorrer a tribuno da plebe organizou para ser adotado por uma família de um segmento mais baixo. Ocorrência esta que foi criticada por Cícero em *Sobre sua Casa*.

Durante o seu consulado Cícero enfrentou a conspiração de Catilina. No contexto das eleições para assumir a posição de cônsul em 63 a.E.C., o fato de Cícero ser um *novus homo* compreendia-se como uma desvantagem. Por sua vez, um dos oponentes de Cícero nas eleições era Lúcio Sergio Catilina. Pode-se dizer que, os elementos desencadeados tem como resultado posterior o exílio de Cícero. Sendo assim, vários elementos foram se associando, com Marco Antônio ganhando a outra posição de cônsul, como não chegou ao poder através das eleições Catilina opta por chegar ao poder por outros meios e assim morre durante as lutas. O julgamento dos cúmplices da conspiração de Catilina acabou por possibilitar o exílio de Cícero. (BOATWRIGHT, GARGOLA, TALBERT, 2004, 219-220) Neste mesmo período César havia se tornado *Pontifex Maximus* e sedimentado seu trajeto.

Com panorama instável de Roma, Pompeu retorna de suas incursões. Em 57 a.E.C. na ausência de César, de acordo com Grimal (1984,p.290) Pompeu permite Cícero voltar a Roma. Todavia, Pompeu favoreceu devido também ao fato de Cícero ter discursado no Senado a proposta da Lei Manilia, o que auxiliou Pompeu a conseguir o comando para lutar contra Mitrídates.

A fase final dos interesses de Cícero foi marcada pelo assassinato de César em 44 a.E.C.. Com a chegada do triunvirato de C. Otávio, M. Antônio e Lépido e a consolidação de suas posições políticas, esses procederam eliminando seus inimigos que incluía, entre eles, Cícero que foi assassinado em dezembro de 43 a.E.C..

Finalmente, ao se pensar em Cícero na perspectiva intelectual, esse pode ser considerado o mais significativo escritor latino. Funari (2007, p.120) constata que a influência de Cícero, como modelo de prosa a ser imitada, foi enorme nos séculos seguintes e seus textos foram estudados nas escolas até 1950.

A seguir, serão previamente analisadas algumas das obras que são fontes para a presente pesquisa. Vale ressaltar que a análise mais específica sobre a problemática apresentada por essa dissertação será realizada em um capítulo posterior.

#### 1.4.1. *Sobre sua casa*

O discurso de *Sobre sua casa* tem sua datação em torno do ano de 57 a.E.C. Neste discurso Cícero expressa indignação com a destruição de sua casa no Palatino, confronta as ações de Públio Clódio Pulcro, assim como declara seu desagrado e descontentamento com a forma com que Pulcro manipulou a religião para fins políticos.

Tal escrito situa-se em um panorama resultante das então ocorrências políticas oriundas das tensões do primeiro Triunvirato. As movimentações políticas nesse momento interferiram diretamente na vida política de M. Túlio Cícero. Quando César juntou-se com suas legiões deixou livre para atuar Públio Clódio Pulcro que direcionou suas forças para alienar Cícero politicamente. Assim, Clódio propõe ao Senado o banimento daqueles que promoveram execuções de cidadãos romanos sem julgamento. De modo que Cícero foi atingido por esta ter sido sua ação em relação aos integrantes da Revolta de Catilina. Além de articular o exílio de Cícero, também foi ordenada a destruição de sua casa no Palatino.

Nesse discurso Cícero se dirige ao Colégio Pontifical manifestando-se contra a destruição de sua casa por ação impulsionada por Públio Clódio Pulcro. O excerto aqui exposto evidencia brevemente a perspectiva:

Que situação calculada para despertar o riso inextinguível do frívolo, mas que o sério não pode ouvir sem a mortificação mais profunda!(...) É este o homem que vocês, que são os supervisores do ritual e sacrifício, têm como guia e diretor da religião do Estado? (CÍCERO, *Sobre sua casa*, XXXIX, 104)

Em *Sobre sua casa* tem-se nitidamente a confluência entre religião e política. É explícita a utilização da religião como argumento para garantia dos interesses políticos tanto no ato de Públio Clódio de retirar a casa de Cícero quanto de Cícero para ter seu direito à propriedade restituído.

Na visão de Beard, Price e North (1998, p.114), o discurso evidenciado em *Sobre sua casa* não reflete meramente o discurso da religião, mas é em si o discurso.

Prosseguindo ainda nesta perspectiva, a escrita de Cícero permite ao leitor a percepção de como se operava o dia-a-dia dos negócios religiosos. Ou seja, para M. Beard o discurso de Cícero, mesmo com as alterações de pensamento ou embelezado para entregar depois à circulação escrita, leva ao entendimento sobre o incerto processo das decisões religiosas e para o âmago da disputa. Para enfatizar essa perspectiva pode ver o seguinte excerto de *Sobre sua casa*:

Entre muitas coisas, senhores do Colégio Pontifical, que nossos ancestrais criaram e estabeleceram sob inspiração divina nenhuma é mais célebre que suas decisão de confiar o culto dos deuses e os mais elevados interesses do Estado para os mesmohomens – então que os mais eminentes e ilustres cidadão possam assegurar a manutenção da religião por apropriada administração do Estado e a manutenção do Estado pela prudente interpretação da religião. (CÍCERO, *Sobre sua casa*, I, 1)

A análise exposta por Cícero nesse excerto, segundo Beard, Norh e Price (1998, p.115), não é somente uma astuta análise sobre a sobreposição da política em relação à religião oficial no final da República, mas sim a ação associada de religião e política. Este discurso é também o posicionamento de um exímio orador a respeito de como um grupo de sacerdotes romanos desejaria ouvir a respeito de como suas funções eram definidas; assim como, não há dúvidas, é também uma reflexão sobre como um maior número de leitores poderia pensar sobre um discurso proferido para os *pontífices*.

#### 1.4.2. *Da Natureza dos Deuses*

O *Da Natureza Deuses* tem sua datação situada em 45 a.E.C. tal informação é apreendida do prefácio do *Sobre a Adivinhação*. A obra divide-se em três livros, o primeiro livro é conduzido com argumentação de Veleio, o qual representa os epicuristas e direciona seus esforços críticos contra estoicos e acadêmicos. O trecho seguinte mostra a perspectiva epicurista:

Nós, pelo contrário, consideramos que uma vida bem-aventurada consiste na tranquilidade de ânimo, e na completa isenção de qualquer tipo de deveres. Ensina-nos igualmente Epicuro, aquele que tudo o resto nos ensinou, que o mundo é obra da natureza, e que tal criação, que vós negais ter podido acontecer sem arte de um deus é de tal modo fácil para a natureza, que ela criará, cria e já criou inúmeros mundos. Vós, porém, não vendo como a natureza pôde criar sem auxílio da mente, recorreste a um deus. Tal como os poetas trágicos, quando não seguem o enredo. (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, I, 53 )

No livro II, a discussão é conduzida por Balbo que discorre sobre a doutrina estoica sobre os deuses. Nesta ótica, Balbo apoia sua argumentação na história romana. De acordo com M.Colish (1990, p.116), no livro II ocorre a mais extensiva apresentação da teologia e cosmologia Estoica encontrada em qualquer lugar dos escritos de Cícero. Os assuntos abordados no discurso de Balbo dividem-se nas seguintes questões: provar que os deuses existem, a natureza dos deuses, os deuses como governantes do universo e preocupação dos deuses com os assuntos humanos. Por sua vez, para exemplificar o papel da razão no pensamento estoico:

Aquele que usa razão é melhor do que aquele que não usa a razão. Nada é melhor do que o mundo. Logo, o mundo usa a razão. Pode assim concluir-se do mesmo modo que o mundo é sábio, bem-aventurado e eterno, pois quem detém tais qualidades é melhor do que aqueles que as não detém, e nada é melhor do que o mundo. Daqui se conclui que o mundo é um deus. (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, II, 20)

A percepção de existência dos deuses de acordo com o pensamento estoico:

Ora pois se deuses existem de veras – assumindo que existem, como de certeza existem – é inevitável que sejam animados, e não só dotados de razão e unidos numa comunidade e sociedade quase civis, regendo o mundo inteiro como se de uma república ou de uma cidade se tratasse. (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, II, 78)

Em relação ao Livro III que por sua vez encontra-se incompleto. Identifica-se o posicionamento acadêmico defendido por Cota que nesta instância privilegia a visão de que os deuses não se preocupam o verdadeiramente o gênero humano:

Os deuses não se preocupam com coisas pequenas, com pequenos campos e vinhas. Quando a mangra e o granizo destroem alguns desses campos, não é Júpiter que se vai preocupar com isso. Os reis, nos seus reinos, também não se preocupam com tudo, diríeis vós. (...) No entanto, todos os mortais pensam que os bens exteriores, as vinhas, as searas, os olivais, a abundância de cereais e de frutos, ou seja, todos os bens e regalias da vida provêm dos deuses. Pelo contrário, nunca ninguém disse ainda que recebeu a virtude dos deuses. (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, III, 86)

Recorda-se que Cícero participa brevemente das discussões, de modo que no Livro III este se manifesta mais favorável ao argumento estoico considerando o respectivo tenha maior proximidade com a verdade.

### 1.4.3. *Sobre a Adivinhação*

O tratado *Sobre a Adivinhação* segundo concepção evidenciada por Falconer (1923, p.214) a respeito da datação dessa obra é apreendida de informações comparativas do *Da Natureza dos deuses* em 45 a.E.C.. Recordar-se-á como já foi destacado anteriormente neste capítulo, que esse tratado foi escrito por Cícero com intenção de ser um suplemento do *Da Natureza dos deuses* e também que grande parte do primeiro livro de *Sobre a Adivinhação* teria sido terminada antes do assassinato de César, mas o trabalho não estava completo e finalizado até depois deste evento.

Esse tratado representa o diálogo entre Marco Túlio Cícero e seu irmão Quintos Cícero. É um trabalho de natureza filosófica e com argumentação baseada em fontes gregas. Assim, expõem-se principalmente os pontos de vistas, Estoicos e Acadêmicos com relação à adivinhação.

De modo que no Livro I acontece a defesa sobre a adivinhação desenvolvida por Quintos, já no Livro II ocorre a representação contra a adivinhação exposta por Cícero. Com relação à obra é um exemplo importante da ligação da temática religiosa abordada por Cícero que se relaciona diretamente aos interesses políticos, já Cícero tornou-se áugure em 53 a.E.C.. Nesta perspectiva tem-se a defesa das práticas augurais:

“No entanto, por respeito à opinião das massas e por causa do grande serviço ao estado mantemos as práticas augurais, disciplina, leis e ritos religiosos, bem como a autoridade do Colégio Augural.” (CÍCERO, *Sobre a adivinhação*, I)

### 1.4.4. *Tratado das Leis*

A obra *Tratado das Leis* é situada por volta do ano 52 a.E.C.. É fato conhecido à influência grega nas obras de Cícero que nesta obra aqui tratada apresenta-se na estrutura e no nome. Este tratado divide-se em três livros, no entanto neste estudo somente será analisado Livro II que trata das Leis religiosas e que evidencia predominantemente a perspectiva estoica da Lei Natural. M.Colish(1990, p.98) aponta

que neste trabalho Cícero declara que as instituições da República Romana podem ser identificadas com lei natural.

Para Marino Kury, o conceito de *LeiNatural* surge acima das legislações particulares, inerente à natureza *moral* do homem e em harmonia com a estrutura *racional* do universo, firmada em princípios ético-jurídicos imutáveis; Lei digna de tal nome, feita para o bem dos cidadãos do e dos Estados, objetivando a segurança, a tranquilidade e a felicidade dos homens. Nesse conceito, a imutabilidade do direito assenta na sua relação intrínseca com o *Ser imutável*. No presente tratado, Cícero estabelece a existência do *Supremo Ser*. (KURY, 2004, p.21),

O diálogo estabelecido no livro II desenrola-se entre Cícero, seu irmão Quinto e seu amigo Ático. Sobre as características do diálogo Kury (2004, p.29), enfatiza que para uma compreensão mais específica do conteúdo do livro II é preciso se ter noções básicas da religião e organização sacerdotal romanas, e da constituição de ambas (religião e estrutura sacerdotal) para a evolução e consolidação da *jus civile*.

Também é ressaltado por Kury (2004, p.29) que ao longo da História de Roma, tanto a criação quanto o aperfeiçoamento das *instituições religiosas* e das *instituições civis* aconteceram emparelhados com a Magistratura republicana e assim mantiveram-se e aperfeiçoaram-se os Colégios Sacerdotais (o *Pontifical*, com *flâmines* e vestais; o *Augural*, para perquirir o futuro; o dos *Decênviros* para pesquisar o passado, através dos livros *sibílinos*; o dos *Setênviros* para as cerimônias populares). Apesar de independentes, quanto a ritos e cargas coativa, determinados atos religiosos e determinados atos antigos religiosos e determinados atos civis necessitam, para sua eficácia plena, concomitante atividade de seus oficiantes.

Na discussão evidenciam-se os aspectos da estrutura tradicional da religião pública romana. O que se infere dos excertos destacados a seguir:

(...) Adorem-se como deuses os que sempre são como habitantes do céu e os que colocaram seus méritos no céu, Hércules, Líber, Esculápio, Castor, Pólux, Quirino, e cultuem-se as virtudes elevam o homem ao céu, a Sabedoria, a Fortaleza, a Piedade, a Boa-fé, em louvor das quais se edificarão santuários; jamais se cultuem vícios nem a eles instituem-se solenidades sagradas. (CÍCERO, *Tratado das Leis*, II,8)

## **CAPÍTULO 2: FILOSOFIA E RETÓRICA, RELIGIÃO E POLÍTICA EM CÍCERO**

Tendo em conta os elementos abordados no capítulo 1, os quais discutiram as perspectivas de análise das fontes, o contexto histórico, a vida de Cícero e a apresentação das obras. Neste capítulo, apresentar-se-á os elementos intermediários para o trabalho com as fontes. Assim, as análises contemplam a perspectiva da Filosofia e da Retórica e da Religião e Política.

As obras aqui analisadas têm suas bases na filosofia, religião e política. Todos esses elementos possuem grande impacto no que concerne à perspectiva discursiva, pois se trata de um diálogo sobre três vertentes imbricadas. Por sua vez, pensar a perspectiva da filosofia, religião, política e retórica, além de considerar o panorama discursivo romano do final da República revela dados muito importantes nos escritos M. Túlio Cícero.

De acordo com essa perspectiva, Cícero é uma fonte pertinente para tal estudo, principalmente, por ser considerado um compilador de questões em voga no período. Na visão de Eliade (2010, p.5), Cícero merece ser mencionado nos estudos de História das Religiões pelo valor histórico religioso de suas obras, pois fornece uma descrição bastante fiel da situação dos ritos e crenças no último século da era pagã.

Há um consenso acadêmico que atribuí a Cícero o título de ser o principal tradutor da cultura helenística para o latim e para a cultura romana, considera-se relevante compreender a forma com que esse dialoga e trabalha com as influências filosóficas de origem grega. Também se faz importante o estudo da transição das correntes filosóficas expostas em suas obras, principalmente a estoica, que embasa suas argumentações demonstrando o seu aspecto político-religioso.

As obras ciceronianas são fontes recorrentes de muitos estudos e, conseqüentemente, em algumas perspectivas da literatura e da filosofia criou-se um estereótipo para o orador romano. Assim, é imprescindível organizar estas visões, não em um esforço de rompimento total com as questões e abordagens tradicionais apresentadas, mas lançar um olhar que renove estas perspectivas de análise. Neste exercício, o exame da natureza dessas argumentações deve considerar o contexto

histórico de produção das obras ciceronianas para procederem uma nova leitura sobre a concepção de religião romana e, também, dos discursos presentes em Cícero.

A interpretação sobre os posicionamentos filosóficos e religiosos de Cícero mostra-se como um dos principais dilemas para muitos estudiosos, de modo que não é incomum os especialistas considerarem a questão como uma inconsistência, ou até mesmo como uma hipocrisia. Essa tendência, observada nos estudos sobre as obras de Cícero, marca sua produção com um *status*, algumas vezes, negativo. Tanto no caso das obras, quanto na postura do próprio Cícero. Para Colish (1990, p.67), a questão consiste pela dificuldade de interpretação do pensamento de Cícero que congrega grande variação e alternância em suas ideias filosóficas. Ainda na visão da autora Cícero manifesta diferentes opiniões sobre os mesmos assuntos em suas várias obras, às vezes apoiando uma escola filosófica em particular em escrito e atacando em outro.

Logo, a historiografia alemã com Mommsen é responsável pela construção de certa “reputação” ambígua Cícero em alguns momentos elogia e em outros casos deprecia. Como pode ser percebido no excerto abaixo:

(..) Cícero se deve que a sua eloquência, se despojando de sua roupagem política, obtivera letra de natureza na república das letras romanas. Com bastante frequência temos falado já deste personagem em diferentes aspectos. Homem de Estado sem penetração, sem grandes visões e sem objetivo, Cícero é indistintamente democrata, aristocrata e instrumento passivo da monarquia: não é, em suma, mais que um egoísta míope; e quando se mostra enérgico na ação, é porque a questão já há sido resolvida. O processo de Verres o detém a lei Manilia, e quando fulmina os raios de sua eloquência contra Catilina, já estava resolvida a marcha deste. (MOMMSEN, 1953, 1158)

Segundo Sheid (2003, p.6), no que concerne a percepção da tradicional Religião Romana pela Historiografia alemã do século XIX, consistia que essa era fria e decadente. Tal concepção tem como principal defensor o historiador Theodor Mommsen.

Nessa perspectiva Cláudia Beltrão Rosa (2006, p.145), aborda a Religião Romana mostrando uma visão diferente da propagada pela Historiografia alemã, já que a autora discursa da concepção de declínio. Todavia, deve-se fazer uma ressalva a menção que autora faz a “ideologia de elite” perspectiva que necessita de cuidado para ser abordada. No entanto, na citação que será aqui abordada a autora aponta a o termo ideologia, sendo assim cita-se pela discussão feita:

A imagem da religião que percebemos, então, não corresponde a uma ideia de declínio da experiência religiosa. É claro que há várias indicações que sugerem que os agentes políticos romanos contavam como a religião e como os deuses como fatores importantes na determinação dos eventos e na garantia de suas reivindicações de autoridade e comando. Do mesmo modo, há mudanças profundas neste momento; talvez elas não fossem causadas por atitudes religiosas de indivíduos poderosos. De fato, a religião era uma das expressões, e das mais visíveis, da ideologia romana, de suas técnicas de manutenção e/ou limitação do poder de indivíduos e de grupos políticos. (ROSA, 2006, p.146)

Ressalta-se que, a quantidade expressiva de escritos de Cícero encontra-se como documentos recorrentes de fatos que influenciaram os estudos sobre o séc. I a.E.C.. Dessa maneira é imprescindível que estes não sejam elementos totalizantes e condicionantes do objeto estudado. No entanto, a constatada influência é um aspecto que traz significativas possibilidades para o surgimento de questões a partir desse quadro. Tais escolhas discursivas permaneceram e permitem a reflexão sobre os moldes aos quais foram idealizadas. E, por sua vez, o que denotavam em relação à situação vigente no que concerne ao panorama da República Romana.

## **2.1. Filosofia e Retórica no final da República Romana**

A Filosofia e a Retórica serão discutidas como elemento das fontes estudadas, todavia não concentradas em uma totalidade teórica. O objetivo de compreender e demonstrar as vertentes filosóficas no estudo das obras e como expressão de uma prática social discursiva e não como análise densamente filosófica.

Uma definição de Retórica mais objetiva é entendê-la como um discurso persuasivo. Na Roma Antiga, contudo, o impacto dessa vai além do ato do discurso público. A retórica dominava a educação da elite, marcando um crucial papel na construção social e identidade de gênero, e também exerceu forte influência no desenvolvimento da literatura romana. Assim como, foi uma vital influência no debate político e na administração das leis dos tribunais, o que proporcionou um dos mais significantes modos de aculturação para a formação dos jovens da aristocracia romana. Também deve-se considerar o profundo papel que retórica possuía na vida dos romanos diretamente relacionada com as ambições políticas da aristocracia romana. (DOMINIK; HALL, p.3)

Dessa forma, ao considerar-se a retórica como elemento de imprescindível relevância na formação do cidadão romano, ou, mais precisamente do cidadão romano político pertencente à elite dessa sociedade.

Para John Dugan (2013, p.8), a Retórica foi um objeto de profunda reflexão de Cícero. Sendo que, seus escritos retóricos se destacam pela variedade de formatos. Ainda segundo Dugan, as obras *Da Oratória e Da Invenção* apresentam-se como obras ciceronianas de Retórica consideradas mais elaboradas, entretanto sua retórica também está presente em seus discursos. A Retórica de Cícero era diretamente influenciada e relacionada com a retórica grega. Como já foi enfatizada a pretensão de Cícero de traduzir elementos da cultura helenística para perspectiva romana, Dungan (2013, p.4) expressa sobre a questão o fato de que no coração de estratégia de Cícero para a romanização da retórica. A teoria retórica ciceroniana constrói uma perspectiva em que a Retórica é algo central para a existência da República. No entanto, embora a retórica seja importante no contexto de análise das obras ciceronianas ela não será objeto da análise.

Seguir-se-á a perspectiva de vida intelectual articulada por Elizabeth Rawson. Reflete-se dessa forma no quadro intelectual do século I a.E.C.. No ponto de vista de Rawson (1985, p. vii) a “vida intelectual” não é fácil de definir, já que os romanos neste período ainda estavam iniciando a definir suas abordagens ao escrever sobre um tema, assim como da perspectiva da dissociação da escrita da instigação política. Continuando com a percepção da Rawson (1985, p viii), a expressão da atividade intelectual pode ser percebida nos *grammatici*, nos retóricos e filósofos do período.

Para Zetzel (1999, X) no clima cultural desse período e Cícero como seu extensivo conhecimento da filosofia e da retórica grega acabou direcionando-se para adaptar o aprendizado sobre a Grécia para tradicional cultura romana. No período entre 55 a.E.C. seu período no governo da província da Cilícia até 51 a.E.C., Cícero escreveu três diálogos ( os primeiros trabalhos do estilo escrito em latim) inspirados na escrita de Platão: *Da oratória*, *Da República e Tratado das Leis*.

De acordo com Hadot (1995, p. 213), a partir do século I a.E.C. as escolas filosóficas se espalharam pelo Império Romano notadamente na Ásia e, sobretudo em Alexandria e Roma.

### 2.1.1. Correntes filosóficas nas obras ciceronianas

Nas obras estudadas ressalta-se a existência de três vertentes de pensamento filosófico: Estoica, Epicurista e Acadêmica. Pode-se apontar que, há a predominância das perspectivas estoica e epicurista.

Considerando-se a premissa exposta por M.L. Clarke (1956, p.19), esta aponta para o fato de que no primeiro século a.E.C. a velha oposição da filosofia tinha morrido e os filósofos se tornaram livres para ir e vir pelas doutrinas filosóficas de acordo com seus desejos. Ainda segundo Clarke, Cícero observou com desaprovação o trânsito desregrado de seus contemporâneos pelas doutrinas. No entanto, o próprio Cícero dialogou com mais de uma vertente filosófica ao mesmo tempo. As escolas filosóficas prevaleciam através da elite (CORBEILL, 2013, p.1). Pierre Gimal (1993, p.137) aponta que:

“A chegada a Roma dos filósofos, depois da conquista da Macedônia, fora preparada, como dissemos, pro um longo período durante o qual prosseguiu a helenização das elites romanas.”

#### 2.1.1.1. Estoicismo

O Estoicismo na Antiguidade pode ser rastreado desde 301 a.E.C., quando a escola abriu em Atenas, até 263 E.C. quando a última referência ao Estoicismo como uma organização ocorreu na biografia de Plotino (COLISH, 1990, p.7). A escola estoica foi fundada por Zenão de Chipre. Para M.L. Colish (1990, p.7), o Estoicismo pode ser dividido em três períodos históricos: a Antiga *Stoa*, a Média *Stoa* e a *Stoa Romana*.

Ao se concentrar nos aspectos característicos do estoicismo no contexto romano, deve-se ter em perspectiva que o período correspondente com a formação e produção intelectual de Cícero localiza-se no período da Média *Stoa*.

Segundo Colish (1990, p.10) no período da Média *Stoa* os seus respectivos expoentes mostravam considerável desenvolvimento na doutrina da escola estoica, o primeiro era Panécio de Rodes que introduziu o Estoicismo em Roma. O outro era Possidônio de Apaméia que é um dos mais interessantes e influentes filósofos de sua época e facilmente a mais controversa figura do Estoicismo. Possidônio estudou com Panécio em Atenas por volta de 125-114 a.E.C. e estabeleceu-se em Rodes onde se tornou um importante cidadão. Ele foi eleito para vários serviços públicos e serviu

como embaixador em Roma em 86 a.E.C.. Um número de eminentes romanos eram pessoalmente familiarizados com Possidônio; Cícero estudou com ele em Rodes em 78-77 a.E.C. e Pompeu visitou-o duas vezes 67/66 e 63/62 a.E.C..

Neste trabalho será privilegiada a inserção do estoicismo em Roma. Este foi levado para Roma no II século a.E.C.. A disseminação do estoicismo ocorreu através da educação principalmente no I século a.E.C.. O último maior representante do estoicismo foi o imperador Marco Aurélio que morreu em 180 E.C..

Na percepção de M.L. Clarke (1956, p.32) a filosofia estoica acabou por ser a mais aceita em Roma, pois adaptava-se melhor as estruturas tradicionais romanas e possibilitava flexibilidade de interpretações. Os estoicos encontraram lugar para os deuses da religião tradicional romana através de um processo de alegorização e também aceitaram a adivinhação. Assim, Clarke (1956, p.32) cita a visão adaptabilidade romana ao pensamento estoico na percepção de Cícero:

“Cícero considera peculiarmente os romanos, pode-se até mesmo dizer que os primeiros romanos tinham sido estoicos antes mesmo de ouvirem sobre o Estoicismo, por estas virtudes que certamente existiam entre aqueles que fizeram os estoicos um ideal de conduta.”  
(CLARKE, 1956, p.32)

É importante a relação de ciceroniana com o estoicismo. Nesse contexto, Colish (1990, p. 62) proporciona uma interessante visão ao apontar que Cícero possui um lugar especial na história da tradição Estoica. É importante ressaltar também sua importância como magistrado do final do período republicano, como uma fonte histórica da vida política do I século a.E.C. e como um competente expoente da oratória Latina Clássica e teoria retórica como tem sido longamente reconhecido.

Dessa forma, ao se considerar a importância da figura de Cícero para compreender mais profundamente sua posição como um pensador filosófico precisa-se perceber que suas posições filosóficas não podem ser isoladas dos outros aspectos de sua mentalidade ou das vicissitudes de seus interesses políticos e de sua vida pessoal (COLISH, 1990, p.61).

Em suas obras pode-se observar tais articulações nos momentos que Cícero, por exemplo, utiliza os conceitos estoicos para defender e definir a natureza e existência dos deuses no livro *Da Natureza dos Deuses*. Outra perspectiva do estoicismo é a forma com que ele estrutura seu Código Religioso que é o Livro II do *Tratado das Leis*. E, por fim, nos momentos em que defende e em contrapartida refuta sobre a adivinhação no

*Sobre Adivinhação*. Principalmente, no *Tratado nas Leis* e no *Sobre a Adivinhação* têm-se nitidamente os interesses políticos articulados e manifestados de forma filosófico-religiosa. Segue-se uma passagem interessante do *Tratado das Leis* e que serve para ter uma visão mais pormenorizada sobre o que está sendo posto:

“(…) A seguinte lei, dispondo que as cerimônias religiosas dos cultos particulares não sejam praticadas sem o concursados sacerdotes oficialmente designados, é de importância tanto para a religião como para a estabilidade do Estado. Isso porque o povo necessita sempre do conselho e da autoridade da aristocracia, fator de coesão política. A distribuição de sacerdotes não deixa descoberto nenhum culto da legítima religião. Na verdade, alguns se estabelecem para apaziguar deuses: são os que presidem as cerimônias solenes do culto; outros, para interpretar certas predições dos profetas, mas não todas, o que não teria fim, ou impedir que as predições públicas sejam interpretadas por pessoas estranhas ao colégio.” (CÍCERO, *Tratado das Leis*, II, XII)

Essa passagem evidencia vários elementos elencados sobre o estoicismo e sua adaptação à perspectiva romana, assim como a utilização de Cícero para evidenciar suas intenções na argumentação. Percebe-se a questão da interação dos elementos estoicos com a Religião tradicional. Por sua vez, toda articulação transmite o aspecto da religião associada aos interesses políticos. Cícero defende o papel dos áugures mesmo tentando dissimular seus interesses pessoais que estão presentes por também possuir a posição de áugure por volta de 53 a.E.C..

#### 2.1.1.2. *Epicurismo*

O Epicurismo estabeleceu-se em Atenas em 306 a.E.C., numa casa que tinha jardim, por isso os seguidores de Epicuro são chamados de filósofos do jardim. Por sua vez, o epicurismo defendia que *aeudaimonía*, a felicidade, se atingia através da libertação do sofrimento e de todas as causas de preocupação. Não se deve, no entanto, confundir epicurismo com hedonismo, confusão que levou a uma conotação pejorativa do termo *epicurista*. Embora a ataraxia fosse consequência de uma entrega do homem à calma e a desfrutar dos prazeres da vida, a verdade é que Epicuro estipula uma moral, e não a simples conquista de prazeres. Deve-se apontar que as melhores fontes para estudar o epicurismo que permaneceram são curiosamente latinas: o próprio Cícero e, mais significativamente, Lucrecio. (FALCÃO, 2004, 11)

Por sua vez, em termos das características gerais do epicurismo, segundo Clarke (1956, p.35) sabe-se que os preceitos epicuristas, assim como os estoicos, também começam com a natureza. Cada criatura viva busca o prazer e evita a dor. Isso, de acordo com os críticos, reduz os homens ao nível das bestas e certamente a teoria epicurista não faz claras distinções entre o gênero humano e as outras coisas vivas.

Pode-se dizer que o Epicurismo se apresentava como um desafio para as ideias tradicionais romanas. Para M.L. Clarke (1956, p.20), o pensamento epicurista se tornava inconsistente com relação Religião tradicional. De maneira que o epicurismo não tinha nenhum uso para o sentimento de família romano ou o ideal de serviço público. Inusitadamente, nos últimos anos da República, o epicurismo possuía numerosos seguidores, talvez mais numerosos que os estoicos. Tendo em vista tal cenário, Clarke (1956, p.21), aponta a justificativa concebida por Cícero para explicar este quadro de popularidade entre os romanos é o enfraquecimento da tradição romana e da habilidade para se provar um adequado guia para vida. Na continuidade, Clarke (1956, p.21), ainda expondo o ponto de vista ciceroniano sobre a quantidade de seguidores desta vertente filosófica, mostra que Cícero acreditava que a propagação do Epicurismo foi devido à facilidade que podia ser entendida por Epicuro e seus seguidores que possuíam a arte de popularização, e podiam reduzir seu sistema para uma simples proposição. Além disso, existe a questão do contexto do final da República o que transformou a filosofia epicurista atrativa para os romanos em meio às tensões do período.

Conhecer as características dos epicuristas romanos do século I a.E.C. é elemento enriquecedor da análise, de acordo com M.L. Clarke (1956, p.30) estes não eram de qualquer forma todos seguidores de seus mestres. Mesmo seus professores gregos nem sempre seguiam os padrões estabelecidos por Epicuro. Filodemo com seus elegantes epigramas e seus trabalhos de crítica literária, foi um homem de cultura do mundo como incansável polemista. O próprio Lucrécio foi um poeta e era orgulhoso de sua habilidade. Por sua vez, grande parte dos epicuristas romanos não seguia a orientação de Epicuro para evitar a política. Desse modo, Lucrécio observa que o conselho de “obedecer em paz” não encontrava uma resposta favorável para aqueles que cresceram na tradição da camada governante romana.

Prossegue-se assim para a reflexão de como o epicurismo é utilizado por Cícero particularmente em *Da Natureza dos Deuses*. Andrew R. Dyck (2003, p.75) observa que o discurso de Veleio possui uma série de problemas ao tratar do epicurismo, o que reforça, para Andrew Dyck, a percepção de que o epicurismo pode ser caracterizado como a mais fraca das três posições exposta na obra.

No entanto, é fato, pelas próprias características dos diálogos e intenção do autor, que a interposição das ideias terá um resultado. Podem-se estabelecer hipóteses sobre a forma que o epicurismo é apresentado podendo variar da estratégia do autor ou até a compreensão equivocada do Epicurismo. O fato concreto é que o debate entre as três correntes expostas por Cícero possuía um objetivo e também deve-se considerar a sua tendência de valorizar o tradicional que torna a argumentação epicurista passível de desvantagem. No excerto aqui exposto pode-se perceber um pouco da argumentação epicurista contra a estoica e acadêmica:

Então, cheio de confiança, como costumam ter os da sua escola, receando apenas que se percebesse que ele duvidava de alguma coisa, tomou a palavra Veleio, como se tivesse descido, naquele mesmo instante, de um concílio dos deuses ou dos *intermundia* de Epicuro.

\_ Não ireis ouvir vãs e inventadas palavras, nem ireis ouvir falar de um criador e construtor do mundo, como o deus de Platão, no seu *Timeu*, nem de uma velha profetiza, tomada pelos estoicos, a *Prónoia*, que um Latim se traduz por *Providentia*, nem ireis ouvir falar de um mundo dotado de ânimo e de sentidos, um deus esférico, ardente e que gira sobre si próprio; estes são portentos e maravilhas criadas não pela razão dos filósofos, mas pelos seus sonhos. (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, I, XVIII)

#### 2.1.1.3. *Academia*

Não obstante, a Academia foi introduzida em Roma por Carnéades em pessoa, que visitou Roma em 155 a.E.C., este era adepto de uma teoria probabilística e professava o ceticismo. A escola acadêmica não teve tanta influência em Roma como a epicurista e estoica.

Sobre a influência da Academia na escrita de Cícero pode-se dizer que esta se infere no entendimento do que é a própria Filosofia. Para Malcolm Schofield (2013, p.24) Filosofia para Cícero, como para Sócrates é fundamentalmente um projeto ético que é um guia filosófico de vida.

Em termos de essência primária, a relação das fontes aqui estudadas consiste na estrutura e formato, ou seja, os diálogos com influência principalmente de Platão como o caso de *Tratado das Leis*. Outra característica que por sua vez é ressaltada por Schofield (2013, p. 3) reside no fato de Cícero comentar suas opiniões sobre as escolas filosóficas e se restringe somente em utilizá-las como instrumento. Ainda citando Schofield, o autor aponta a significativa presença das ideias platônicas e aristotélicas em seus escritos filosóficos.

Quando se trata da filosofia da Academia, as obras que evidenciam com maior especificidade essa vertente são: *Academica*, *Hortensiuse Luculus*. No caso das obras *Sobre a Adivinhação*, *Tratado das Leis* e *Da Natureza dos Deuses* ocorre o aspecto destacado por M. Scholfield (2013, p. 3-4), sobre a tendência de Cícero assumir a oportunidade de comentar sobre muitos aspectos de suas obras e da escrita filosófica. A questão pode ser percebida em *Sobre a Adivinhação* e *Da Natureza dos Deuses*:

Por exemplo, no trabalho intitulado *Hortensius* apelo seriamente como posso para o estudo da filosofia. Em meu *Acadêmica*, em quatro livros, estabeleço adiante o sistema filosófico que acredito ser menos arrogante. (CÍCERO, II, *Sobre a Adivinhação*, 1)

Enquanto àqueles que se admiram de ter tomado de preferência este sistema filosófico, encontrareis suficiente resposta nos meus quatro livros do *Acadêmica*. (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses* I, 11)

A vertente da filosofia acadêmica seguida por Cícero é uma questão frequentemente discutida, M. Scholfield (2013, p.17) trata sobre a “questão Acadêmica” indagando se a vertente representada seria a Academia dos cétricos helenísticos Arcesilau e Carnéades, que argumentam em um espírito socrático contra as reivindicações feitas pelos epicuristas e estoicos parecidos com que se têm absolutamente confiáveis de acesso à verdade das coisas. Ou seria a Academia de Cícero é a Antiga Academia contemporânea de Antíoco de Ascalon? Este representa a instância cética particularmente como àquela desenvolvida por Filo de Larissa, como também a extravagante tradição de Platão e os seus (contando Aristóteles e os Estoicos).

Na leitura, de M.L. Colish (1990, p.112) a interlocução em *Da Natureza dos Deuses* é claramente do estoicismo, epicurismo e Antiga Academia, o que é uma grande implicação, devido ao fato de Cícero não pretender ser representante da Nova Academia. Embora, em alguns momentos do diálogo, Cícero para fins de argumentação se identifica com a Nova Academia para expor o aspecto cético.

## 2.2. A Religião Romana

Estudar religião na Antiguidade torna necessário que vários elementos específicos sejam definidos e analisados. A Religião Romana é analisada nesta pesquisa assumindo a significação que compreende “sinais religiosos, práticas e tradições presentes na cidade de Roma” (RUPKE, 2007, p. 1). Para Ando (2003, p.12), o estudo da Religião Romana como um sistema envolve símbolos, ações sociais e sua

institucionalização. Nessa, há a distribuição e difusão simbólica no *cursus honorum* de poder e *auctoritas*, além da esfera religiosa através de indivíduos, colégios e instituições, por consequência refletem cada nível das necessidades básicas da religião romana que adquire, julga e preserva o *cognitio deorum*, conhecimento dos deuses.

Nesse aspecto, a coletividade da religião na Antiguidade deve ser destacada. Assim, o conceito da religião como um interesse coletivo se aplica especificamente no caso das religiões na Antiguidade, consistindo normalmente com rituais desenvolvidos por grupos. Tais grupos podem ser localizados no âmbito doméstico (*família*), na família estendida (*gens*), na comunidade local. (RÜPKE, 2007, p.13)

A estrutura do Panteão romano é indubitavelmente conectada com história específica do desenvolvimento social romano. Roma emergiu como uma cidade somente a partir de um longo processo de fusão e reorganização de diferentes representações da aristocracia e outros grupos sociais. O Panteão também reflete a aparência de ser um grupo governante com habilidades altamente desenvolvidas para integrar novos indivíduos e habilmente bem sucedido para resistir à ambição exorbitante de indivíduos. O panteão, portanto, é um modelo para as atividades individuais dos seres humanos, especialmente seus contatos externos, suas dedicações de novos templos para novas deidades e suas narrativas de intervenções de velhos e novos deuses. Esses elementos possuem muitas similaridades com a formação das elites humanas. Ao mesmo tempo, não poderiam ser ignorados outros importantes fatores, como encontros acidentais com a expansão militar, imigração de grupos individuais e especulação teológica interna. (BEARD, NORTH, PRICE, 1998, p. 61-72 *apud* RÜPKE, 2007, p. 17)

Estabelece-se, dessa forma, a necessidade de discorrer sobre os antecedentes históricos dos elementos que influenciaram a noção do que seria a Religião Romana. Primeiramente, precisa-se considerar a influência cultural helenística sobre os romanos. O estabelecimento de contatos com os territórios vizinhos e, por conseguinte, com as intervenções militares romanas no século II a.E.C.. A rapidez da mudança no poder externo de Roma e de sua organização social interna representa um grande desafio para os estudiosos do tema religioso. (BEARD, NORTH, PRICE, 1998, p.75)

Para pensar os elementos religiosos apresentados na *Urbs* é necessário entender o controle de espaço. Esse controle representa a divisão entre os homens e os deuses. Para Scheid (2003, p.60 -62), tal cenário expressa-se pela existência do *Templum* e do *Pomerium*. Define-se então, o *templum* no senso romano do termo, não como um prédio ou um lugar sagrado. O *templum* somente tornava-se sagrado quando por sua vez era

consagrado. Dessa forma, para ter um auspícios dentro da cidade, um *templum* tem que ser marcado como um espaço privilegiado, de acordo com Scheid.

A definição de *templum* é muito específica em sua interpretação. Um “templo” no senso comum da palavra pode ou não ser um *templum*, como no caso do templo de Vesta, que é considerado um *aedes* (um prédio, uma casa para a deidade) não um *templum*. Ao mesmo tempo alguns lugares que não seriam entendidos como templo seriam os *templa* no sentido técnico do termo, como no caso do Senado, o *comitium* (a área aberta de assembleia no fórum em frente ao senado) e os áugures que ficavam no centro para observar os auspícios, o *auguraculum*. (BEARD, NORTH, PRICE, 1998, p.22)

Por sua vez, o *Pomerium* simbolizava o limite que separava a cidade de Roma (*Urbs*) de seu território (*Ager*). Esse limite foi estabelecido com o rito oficial de fundação da cidade. O *Pomerium*, como é registrado no mito de Roma, localizava-se em torno do Palatino. Ao tratar do mito da fundação de Roma, Tito Lívio, em *História de Roma: Ab Urbe condita*, evidência:

“A esses projetos veio a mesclar-se a ambição de reinar, paixão hereditária, que transformou em conflito criminoso um empreendimento de início bastante pacífico. Como os dois irmãos eram gêmeos, a diferença de idade não podia interferir na decisão. Cabia, portanto, aos deuses protetores do lugar, a tarefa de designar através dos augúrios aquele que daria o nome à nova cidade e reinaria após sua fundação. Para consultar os augúrios Rômulo escolheu o Palatino e Remo o Aventino. (TITO LÍVIO, *História de Roma*, I,6)

Tendo em vista as informações da consulta de augúrios evidenciada por Tito Lívio deve-se ter em consideração que somente dentro dos limites do *Pomerium* os auspícios urbanos (*auspicia urbana*) poderiam ser válidos. (BEARD, PRICE, NORTH, 1998, p.23) A importância de tais elementos também é ilustrada por Cícero em *Da Natureza dos deuses*:

“(…) O Senado decidiu que deveriam ser consultadas as instâncias costumeiras. Os harúspices, trazidos à discussão, disseram que *orogator* não era válido. Então Graco como eu ouvi de meu pai, irado, disse-lhes assim: “ Como assim, então eu não era válido quando, enquanto cônsul, áugure e tendo-se consultado os auspícios, presidi à eleição? Como podeis vós, Etruscos e bárbaros, ter a lei do povo romano e servir de intérpretes aos comícios?”, e nisto mandou-os embora. Pouco depois, porém, enviou uma carta da província da Sardenha para o colégio de áugures, dizendo que, ao ler os livros augurais, lembrou-se que a sua escolha dos jardins de Cipião como localização do *tabernaculum* tinha sido irregular: depois de ter atravessado o *pomerium* para presidir o Senado, na volta, ao atravessar de novo o *pomerium*, tinha-se esquecido de consultar os

auspícios. Tinha sido pois irregular a nomeação dos cônsules. Os áugures reportaram o sucedido ao Senado, e o Senado decidiu que os cônsules deveriam abdicar, e eles assim fizeram. Porque havemos de procura um melhor exemplo? Um homem dos mais sábios, e talvez mesmo o mais ilustre de todos, preferiu confessar a sua falta, que aliás poderia ter ocultado, a deixar que a república se manchasse com sacrilégio, e os cônsules preferiram abdicar imediatamente de um cargo importantíssimo do que o manter desrespeitando a religião.” (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, II, 10-11)

Em continuidade, no período da República a linha do *Pomerium* partiu para as paredes da cidade estabelecida por Sêrvio Túlio. A noção de *pomerium* tornou-se diretamente ligado com o território do império romano, ao longo do tempo esse limite foi estendido. Isso foi feito diversas vezes durante a República e Império e acabou incorporando uma grande parte do Campo de Marte assim como do Aventino. A variação do *pomerium* no período entre República e Império traz para discussão a necessidade de recordar a variabilidade da ideia do ser “romano” que se diferencia de um período a outro. (SCHEID, 2003, 63)

Não obstante, a religião romana adaptou-se com as mudanças sociais e a vida política, em particular, com a expansão de Roma e seu *Imperium*. Portanto, não poderia ser o mesmo no começo da República como no final dela. Novos elementos foram introduzidos, outros elementos foram morrendo. As perdas e ganhos sempre foram parte da vida religiosa em Roma (BEARD, 2006, p. 743)

### 2.2.1. *Religião e Política no final da República Romana*

A relação amplamente arraigada entre religião e política no final da República romana apresenta-se como elemento posto. Tal situação tem como indício, como é evidenciado por Beard, North e Price (1998, p.99) a associação com os colégios sacerdotais nesse período que se tornou um negócio político. Situação essa que é perfeitamente ilustrada com a eleição de Júlio César como *pontifex maximus* em 63 a.E.C. que seguiu-se com a ascendência política nos anos seguintes.

Nessa perspectiva a ideia da proposição da religião como elemento utilizado para fins políticos pode ser já percebida através do trabalho de Lily Ross Taylor que tratava da ideia de manipulação pela religião do Estado. Essa percepção da religião romana baseada no inseparável laço com a política evidencia o poder religioso governado pelas elites que manipulavam os rituais para benefício de um grupo.

Magistrados celebravam jogos para os deuses, conduziam sacrifício e interpretavam os auspícios determinando a vontade dos deuses, segundo Taylor (1949, p. 76-77), em momentos crise a religião tornou-se uma efetiva arma política. Particularmente detinha poder eletivo e legislativo nas assembleias.

Ainda de acordo com Taylor (1949, p.78), a ação mais frequente de utilização de elementos religiosos para questões políticas era o uso dos auspícios para obstruir eleições e legislações. O auspício determinava a vontade de Júpiter a divindade principal do Estado Romano. Com o *Imperium*, o direito de comando conferido para o homem, o *auspicia*, conferidos pela divindade, eram uma prerrogativa essencial do cônsul. Ao passo que a identificação dos auspícios era função dos magistrados, suas interpretações estavam nas mãos dos augures e o colégio sacerdotal.

A associação da utilização da religião para assegurar interesse políticos pode ser melhor percebida pelo quadro de obstruções religiosas. Segundo Lily Ross Taylor (1949, p. 82), o uso de tipos de obstruções religiosas, como por exemplo, a consideração dos auspícios, configurou-se com uma situação que parece ter aumentado durante o final da República e foram muitas vezes substituídos pelo poder veto, talvez porque o emprego desse poder amiúde levou à violência, podendo ser percebido no exemplo de *obnuntiatio*, Marco Calpurnio Bibulo tenta impedir a aprovação de legislação de César e seus tribunos e diz que está observando os sinais do céu. Mas César se apressa e que consegue aprovar a lei. Devido à possibilidade de esse elemento ser prejudicial, Clódio propõe a proibição do *obnuntiatio*, o que logo perde efeito e continua pelos anos correntes sendo utilizados pelos cônsules contra os tribunos e pelos tribunos contra cônsules. A passagem de *Sobre sua casa* transcreve a situação anteriormente abordada:

“Eu procedo agora para augúrios, dentro dos livros, como alguns deles até então são secretos. (...) Não estou curioso em inquirir as regulamentações augurais. Há está algumas, de qualquer forma, de que compartilho conhecimento com a população, que tem sido revelada em resposta ao interrogatório, em encontros de massas e sediados em assembleias são sacrilégios quando a observação do céu está em progresso. Você teve a audácia de negar que tal observação estava em progresso no dia quando acertadamente, a lei tratava com seu caso que foi aprovado na assembleia da Cúria? Nós temos conosco hoje Marco Bibulo, um cavalheiro de excepcional desenvoltura, firmeza de vontade e sérios de propósito; Ele, como cônsul tem, eu afirmo, sobre isso tomada observação dos céus a cada dia. “Você então”, perguntou Clódio, “invalida os procedimentos de César? Por nenhum significado; por nenhum deles não mais afetarem meus interesses, como a exceção dessas medidas de seus que são feitas com intento hostil contra minha pessoa. Mas isso foi você que tratou os auspícios, que eu esclareci falando contra, em seu caminho. Foi você que já em seu emasculado tribunal, surgiu como

um protetor dos auspícios; você trouxe Marco Bibulo e os áugures antes do encontro (...).” (Cícero, *Sobre sua casa*, XV, 40)

Ressalta-se então, que eram os rituais que garantiam as relações entre grupos, homens e deuses. Garantir os ritos representava a certeza da manutenção da sociedade como a queriam: ordenada e segura. Ao respeitar as regras de comportamento, como o respeito aos deuses, sobretudo em seus espaços, ao curvar-se sob a autoridade dos rituais, o cidadão garantia a ordem social, e a *pax deorum* e as práticas que acarretavam a transgressão à ordem vigente podiam levar a sociedade ao caos e à desagregação. A *concordia* entre homens e deuses é a garantia da ordem romana. (ROSA, p.146)

Como Rüpke (2007, p.29) evidencia, o controle sobre a Religião era primariamente exercido pelo Senado. Esse supervisionava e demandava todos os cidadãos. Os *sacra pública*, principal manifestação da elite romana, não pode ser entendida somente como uma cerimônia religiosa organizada pela elite como intervenção nos segmentos populares para assegurar a lealdade e temor dos deuses, mas também como uma importante parte do sistema religioso que era conduzido pelos indivíduos da elite romana.

Nas palavras de Orlin (2010, p.191-192), a período final da República foi marcado de forma constante e violenta competição entre a aristocracia romana pela supremacia interna. A importância da atividade religiosa para os políticos romanos demonstra a vitalidade da Religião Romana, mas esse lado ativo é precisamente coerente por causa da própria identidade romana nesse período. A Religião Romana tradicional como uma resposta aos elementos estrangeiros que provém não de uma visão do desenvolvimento da romanidade, mas do conflito de quem deve ser incluído como romano e quem deve determinar aquele que deverá ser incluído.

### **CAPÍTULO 3: A PERSPECTIVA DISCURSIVA RELIGIOSA NAS OBRAS DE MARCO TÚLIO CÍCERO**

Os capítulos anteriores propiciaram a apresentação dos elementos para o desenvolvimento da análise documental e para percepção da complexidade das fontes utilizadas nessa pesquisa. Já no primeiro capítulo mencionou-se como caminho teórico-metodológico a utilização da Análise Crítica de Discurso, a perspectiva da interpretação e a da geração intelectual.

As documentações ciceronianas foram abordadas de forma temática para que fosse feito um estudo mais pormenorizado. Como também para tornar análise das argumentações existentes nas obras mais fluidas.

Na percepção de Análise de Crítica de Discurso exposta por Norman Fairclough, o discurso é analisado de forma tridimensional: texto, prática discursiva e prática social. Essa noção enfatiza o discurso como prática social, dessa forma, para Fairclough:

“Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. (...) Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social; a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares como o direito ou a educação, por sistemas classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91)

Considera-se também, nessa pesquisa, a perspectiva da influência das traduções. Tanto no trabalho com as fontes quanto a leitura historiográfica especializada em Religião Romana trouxeram a questão da adaptação considerando o sentido cultural do material trabalhado. Pensa-se assim no sentido da “tradução cultural” abordada por Peter Burke.

De acordo com Burke (2007, p.13), as diferenças culturais, bem como entre as línguas, reduzem o que se chamou “tradutibilidade dos textos”. A perspectiva pode ser

exemplificada com questões das próprias fontes analisadas nesse trabalho como as diferentes opções de tradução ou não dos termos latinos *Religio* e *Pietas*. Essas palavras, em seu contexto de origem, possuem um significado mais complexo e abrangente do que apenas a transliteração para religião e piedade. Por isso, muitas vezes esses termos são mantidos em latim nesse trabalho.

### 3.1. A Documentação Ciceroniana e os pensamentos filosóficos, políticos e religioso

Para desenvolver-se uma análise mais específica das fontes optou-se por uma apresentação temática vinculada ao objeto de pesquisa proposto nesta dissertação. Nessa perspectiva dois tópicos foram definidos: *Religião e Política, Filosofia e Religião*.

#### 3.1.1. Religião e Política

Retomar-se-á então elementos anteriormente definidos como a relação indissociável entre Religião e Política que fora já estabelecida nesse estudo. Nessa instância, abordar-se-á tais elementos diretamente nas fontes.

Iniciar-se-á, por um elemento de grande importância presente em *Da Natureza dos Deuses* que é a definição do conceito de *Religio* que detém um significado mais complexo do que o termo religião. O que pode ser demonstrado pelos excertos seguintes:

“(...) Podemos assim descobrir o que e como são os deuses, e que nome e tradição lhes deu: e são estes os deuses que devemos venerar e cultuar. O culto dos deuses é bom, puro, sagrado e piedoso quando a nossa veneração é feita de puro, íntegro e incorrupto coração e voz. Não só os filósofos como os nossos antepassados, separaram a religião [*religio*] da superstição [*superstitio*].” (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, II, 71)

“Aqueles que levavam os dias todos a rezar e a oferecer sacrifícios aos deuses para que os seus filhos sobrevivessem, eram tidos como supersticiosos, um nome que depois tomou um sentido mais lato; aqueles, porém que todos os dias diligentemente praticavam e pensavam em tudo o que diz respeito ao culto dos deuses, a estes se dava o nome de religiosos, do verbo *relego*, assim como diligente vem de *delegere* inteligente de *interlegere*; em todos estes adjetivos está o radical *legere*, presente em “religioso”. Assim, “supersticioso” tem a ver com um vício, e “religioso” com algo de louvável. Parece-me pois

que ficou suficientemente demonstrado que os deuses existem e qual é a sua natureza.” ( CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, II,72)

Principalmente no segundo excerto encontra-se uma importante característica que tem seu aspecto didático que permite então a compreensão dos elementos e conceitos por ele abordados. Essa exposição da definição da *Religio* resulta como uma fonte valiosa e como uma importante exposição para compreensão do conjunto de elementos imbuídos de complexidade diversa para com o que atualmente denomina-se “Religião”. Na concepção ciceroniana, a *Religio* também é determinada em oposição a *Superstitio* como é evidenciado nos dois excertos que enfatizam a separação destes. Essa concepção também é abordada em *Sobre a Adivinhação* quando Cícero menciona as opiniões expostas em *Da Natureza dos Deuses*. Na passagem, Cícero acredita que seria um serviço para todos se a superstição fosse eliminada e sinaliza que: “(...) Distintamente entendo que a destruição da superstição não significa a destruição da religião” (CÍCERO, *Sobre a Adivinhação*, II, LXXII).

Também em *Da Natureza dos Deuses* são apontado os principais elementos atribuídos à ideia do que se considera a Religião Romana. Na citação abaixo Cícero descreve sobre a divisão da Religião Romana:

“A religião de todo o povo romano está dividida em rituais e em auspícios, sendo que lhes foi juntado um terceiro elemento, que diz respeito àquilo que os intérpretes ou os harúspices de Sibila anunciam, vaticinando a partir da observação de portentos e maravilhas. Nunca pensei que nenhuma dessas práticas religiosas devia ser desprezada, e estou mesmo convencido que Rômulo, através dos seus auspícios, e Numa, pela instituição dos ritos, lançaram os alicerces da nossa cidade, que nunca teria engrandecido.” (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, I, 5)

Nessa citação tem-se a evidência de discursiva, juntamente, com identificação das práticas religiosas pilares da perspectiva de Religião Romana que é priorizada neste trabalho. Elementos que mesmo com sua natureza religiosa possui papel no contexto político, assim tem-se a utilização dos auspícios para tomadas de decisões políticas e rituais utilizados para as ordens político-sociais existentes.

Scheid (2003, p.22) evidencia duas formas para se definir o do significado de *Religio*. A primeira é o entendimento da *Religio* como um conjunto de regras e um sistema de “etiqueta” através do qual os indivíduos estabelecem uma relação como os deuses. Outra forma de definição de *Religio* é descrevê-la como o “pio culto dos deuses”, sentido este que é evidenciado por Cícero em *Da Natureza dos deuses*. Tendo

em vista que ambas em um contexto geral significam a *Religio* como a forma correta de se relacionar com os deuses, a partir desse sentido pode-se estabelecer a noção de *Superstitio* que simboliza o oposto da correta forma de se relacionar com os deuses.

A razão para *Superstitio* possuir tal conotação reside no fato de que os indivíduos supersticiosos pensavam que os deuses eram principalmente maldosos e tirânicos e não se preocupava com os homens, devido a essa concepção os indivíduos assumiam determinadas posturas para conseguir o favor dos deuses, o mais comum era o comportamento servil. Em contraposição a correta abordagem a *Religio* evolve acreditar que os deuses eram bons e respeitavam o código social da cidade. (SCHEID, 2003, p.23)

Ando (2007, p.6) enfatiza o papel particularmente proeminente da Religião Romana na esfera política. Como exemplo, Ando aponta que o fato do Senado romano sempre se reunir em *Templum*.

Uma especificidade do discurso religioso evidenciado por Marco T. Cícero ao considerar-se interação da religião e da política no panorama romano é a defesa da República Romana. Devido ao contexto em que suas obras foram produzidas pode-se perceber a defesa dos princípios da República, incluindo-se o *mos maiorum*, e dos elementos que auxiliaram a mantê-la e reforça-la, assim como à Religião Romana, em sua perspectiva tradicional.

Em *Tratado das Leis (Livro II)*, quando reflete sobre de uma concepção religiosa do mundo, Cícero afirma:

“Portanto, desde o início devemos convencer os cidadãos que os deuses são senhores e guias do universo, que nada é criado sem concurso do juízo e da vontade divina, que são eles os grandes benfeitores do gênero humano; que observam o caráter e a responsabilidade, os propósitos e a felicidade de cada um no cumprimento dos deveres religiosos.” (CÍCERO, *Tratado das Leis*, II, VII) (grifo nosso)

O elemento de destaque de *Tratado das Leis (Livro II)* é o fato de Cícero congrega a defesa da Religião em sua concepção tradicional com a defesa da República. Essa tem a questão da exaltação do elemento republicano, pois é um escrito complementar de *Da República*. Se em *Da República*, a noção que Cícero propaga é dos períodos áureos da República, por sua vez, em *Tratado das Leis* busca-se as leis

religiosas que chegam também a um plano ideal para manutenção do plano político e religioso.

Ao se considerar a perspectiva exposta por Scheid de que a *Religio* é correta forma de relação social com os deuses e que essencialmente a celebração de rituais promove a ligação existente entre homens e deuses, percebe-se então a relação dos cidadãos com as práticas religiosas. O culto público de Roma progressivamente terminou por constituir uma ligação entre todos os cidadãos, este era sua tradição comum, não importando suas origens e os seus lugares de residência (SCHEID, 2003, p.31).

Em suas obras, Cícero discorre sobre o correto proceder religioso para o cidadão romano. Também aborda o lado incorreto que é apresentado além da questão das práticas divinatórias. Essa crítica pode ser vista na situação da perda de sua propriedade em *Sobre sua casa*. Os elementos gerais de *Sobre sua casa* já foram apresentados e discutidos no capítulo I. Nesse momento, aqui deve-se recordar a postura de Cícero de que as sanções contra ele desrespeitaram a tradição religiosa romana.

O texto *Sobre sua casa* proporciona uma possibilidade de contemplar um debate de discursos sociais que evocam posicionamento políticos concorrentes advindos da diversidade presente nas elites políticas de Roma. De um lado Cícero expressa a defesa de que suas ideias são tradicionais respeitando efetivamente as concepções da República Romana. Por conseguinte, o seu ataque a Clódio constrói a imagem do indivíduo que desrespeita as tradições romanas, em suma as religiosas. Os ataques direcionados a Clódio são com linguagem agressiva:

“E primeiro pedi para você, Clódio, ensandecido lunático que é você, que a Nêmeses de seus crimes e enormidade disso é tão poderosa que leva você a acreditar que é um homem correto (...)” .( CÍCERO, *Sobre sua casa*, II, 4)

Destaca-se, em contrapartida, a argumentação de convencimento que Cícero desenvolve para a devolução de sua propriedade. A ação é feita em caráter de súplica como pode ser percebido no excerto seguinte:

“Finalmente, os próprios deuses imortais, que olham sobre essa cidade e esse império, parecem ter se submetido à jurisdição e discricção de seus sacerdotes o total apoio de minha restauração e das aclamações que as acompanham, de modo que deve ser manifestado para todos os povos e futuras gerações que minha restituição para a República foi

feita pela divina providência. Senhores, então consiste no verdadeiro retorno e restituição a posse uma vez mais, a casa, o lar, os altares e deuses domésticos.” (CÍCERO, *Sobre sua casa*, LVI, 143)

“Eu imploro e suplico, Deus do Capitólio, que o povo romano dê o nome da melhor razão e benção ter outorgado e de grandeza por razão da rainha Juno, guardiã da cidade, Minerva, quem sempre mostrou auxílio aos desígnios e testemunhou minha devoção.” (CÍCERO, *Sobre sua casa*, LVII, 144)

No entanto, na atitude de defesa de seus direitos, Cícero traz para análise um elemento ambíguo. Mesmo ao criticar a utilização da religião para fins políticos e pessoais ele tem uma postura semelhante com relação a tal situação, pois sofre com a perda de sua propriedade que é à base de sua cidadania romana. Não se pode deixar de apreender que ele envolve o arcabouço de concepções religiosas para defender seus direitos de propriedade, ideias e espaço político.

Sobre a perspectiva das práticas divinatórias extensamente em *Sobre a adivinhação*, diálogo entre Marco Túlio Cícero e seu irmão Quinto Cícero. Tal diálogo é dividido em dois livros: o primeiro com apresentação de argumentos favoráveis e o segundo com exposição contrária às práticas de adivinhação.

Tanto na apresentação do ponto de vista de Quinto quanto na de Cícero acontece uma fundamentação histórica. Como pode ser visto na passagem seguinte, trata da nomeação dos elementos que foram chamados de adivinhação:

“Há uma crença antiga herdada por nós desde tempos míticos e firmemente estabelecida por concordância geral do povo romano e de outros povos de que a adivinhação existe entre os homens; (...) – que é a previsão e conhecimento dos eventos futuros. Uma coisa verdadeiramente esplêndida e útil, isso é se apenas tal existe – desde que isso significa que os homens podem se aproximar muito do poder dos deuses. E justamente como nós romanos fizemos muitas outras coisas melhor que os gregos, então superamos eles dando para esse mais extraordinário presente um nome, que deriva de *divi* uma palavra que significa “deuses”, visto que de acordo como a interpretação de Platão eles tinham derivado ela de *furor*, uma palavra que significa “frenesi”.” (CÍCERO, *Sobre a Adivinhação*, I, I)

Para Krostenko (2000, p.354), *Sobre a Adivinhação* não é meramente uma discussão sobre adivinhação, mas é um indireto e dialético jeito para construir uma definição normativa dos símbolos religiosos na cultura romana, sobre cada prática divinatória, principalmente com o augúrio que era uma das mais proeminentes formas

de adivinhação. No livro I, com a demonstração de um ponto de vista favorável, Cícero considera:

“Não há apenas um único modo de adivinhação que tenha sido empregado em público e privado. Para não dizer de outros povos, quantos do nosso povo têm assimilado! Em primeiro lugar Rômulo, o pai dessa Cidade, não somente fundou a obediência aos auspícios, mas era ele próprio um talentoso áugure (...).” (CÍCERO, *Sobre a Adivinhação*, I, II)

“De qualquer forma, você deriva cada forma de adivinhação de três fontes – Deus, Destino e Natureza. Sobre isto você não pode dar nenhuma razão para qualquer tipo de adivinhação, continua baseando-as em ficção.” (CÍCERO, *Sobre a Adivinhação*, II, XII)

Todavia, a discussão sobre as práticas divinatórias utilizadas para fins de interesse político sempre é assunto. No capítulo dois deste trabalho, discute-se o exemplo da utilização dos auspícios para relaciona-los às questões políticas.

Nas fontes problematizadas percebe-se a Religião tratada em sua conceituação, a suas especificidades para ser compreendida como Religião Romana e sua perspectiva na esfera das leis. Em sua interação com política percebe-se a escala da postura correta e incorreta diante da tradição religiosa e finalmente a religião tradicional como manutenção da posição do espaço político e social no período conturbado do final da República Romana.

A documentação ciceroniana apresenta, nos argumentos utilizados, as ideias conflituosas contidas nos discursos sociais refletidos no decorrer dessas obras. A relação entre o ser romano e o não-romano é sempre possível de ser identificada como nos trechos acima evocados.

### 3.1.2. *Filosofia e Religião*

Para desenvolver sua reflexão discursiva religiosa Cícero optou por utilizar a Filosofia como meio. As vertentes Estoicas, Epicuristas e Acadêmicas são as principais influências de suas obras de natureza filosófica. Tanto *Da Natureza dos deuses* quanto *Sobre a Adivinhação*, obras que são complementares. Esses diálogos evidenciam a característica de Cícero de mostrar amplo domínio sobre os conhecimentos filosóficos.

Na exposição epicurista que é o livro I de *Da Natureza dos deuses*, Cícero aponta para a atuação da filosofia ao tratar de elementos de reflexão ligados à religião:

Há na filosofia inúmeras questões que, até hoje, de modo algum foram convenientemente clarificadas; mas de todas há uma, comotu bem sabes, Bruto, especialmente difícil e obscura, que diz respeito a natureza dos deuses – questão não só das mais dignas de que o nosso ânimo se pode ocupar, como também discrepantes são as sentenças dos mais sábios homens, que isto, por si só, deve constituir uma prova de que o ponto de partida da filosofia é a ignorância, e prudentemente se afastaram os acadêmicos de assuntos de tal modo incertos. Pois o que há de pior do que a temeridade? Ou o que é tão temerário quanto indigno da gravidade e da seriedade do homem sábio do que ter para si algo que é falso, ou defender sem hesitação aquilo que não foi, com um suficiente conhecimento de causa, objeto nem de reflexão nem de exame? (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, I, I)

Deve-se destacar a interlocução que ocorre entre as obras de Cícero principalmente pela complementaridade existente entre elas. Desse modo em *Sobre a Adivinhação* frequentemente são citados argumentos expostos em *Da Natureza dos deuses*.

No livro II de *Sobre a Adivinhação* tem-se a exposição da crítica ao estoicismo com argumentação baseada na influência acadêmica:

“Não existe nenhuma necessidade para adivinhação mesmo nos assuntos de domínio da ciência e da arte. Quando alguém está doente, nós, como regra geral, não chamamos um profeta ou um vidente, mas chamamos um especialista.” (CÍCERO, *Sobre a Adivinhação*, II, III)

Portanto, nessa citação contemplamos a postura Acadêmica que, de acordo com Hadot, na perspectiva da filosofia da Academia: “Admite-se que, se não se pode alcançar a verdade, pode-se ao menos atingir o verossímil, isto é, soluções que se pode racionalmente aceitar tanto no domínio científico como, sobretudo, no da prática moral.” (1995, p. 207)

Por sua vez, sobre o Livro II, Beard (1986, p.34) uma ressalva com relação a essa parte da obra de Cícero e que reforça a característica levantada por outros estudiosos do fato da dificuldade de interpretação dos escritos filosófica pelas transições e alternâncias constantes dos posicionamentos filosóficos. Ainda de acordo como Beard (1986, p.34), Cícero não escreveu o segundo livro de *Sobre a Adivinhação* em isolado, como uma parte contra as tradições romanas de adivinhação. O segundo livro serve para

equilibrar o primeiro: os argumentos contra a adivinhação devem ser visto ao longo dos argumentos primários a favor da prática. As duas posições são deixadas livres e não existe verdadeira conclusão, suportando um lado ou outro. Ao invés, considerada a tradição da escola filosófica Acadêmica, o leitor é deixado construir sua própria opinião sobre o caso mais convincente apresentado. Isso ocorre devido à questão da percepção de liberdade que não tem uma conduta *a priori a seguir*, segundo Hadot (1995, p.207).

Tendo em vista a concepção de Cícero de um Código religioso que é exposto no *Tratado das Leis*, tem-se o embasamento estoico para determinação da Lei Natural. Dessa forma a Lei é entendida da seguinte forma:

Parece-me, então, pelo ensinamento dos sábios mais eminentes, que a Lei não é produto da natureza humana, nem da vontade popular, mas é algo eterno que rege o Universo por meio de sábios mandamentos e de sábias proibições; essa Lei, como a mente divina é tanto a primeira como a última, identifica-se como mente divina quando racionalmente, proibindo ou permitindo, dá impulso a todas as coisas. Portanto é lícito louvar a Lei que é presente dos deuses ao gênero humano, porque é a razão e o pensamento de um ente sábio, apropriada a dar ordens permissivas ou proibitivas. (CÍCERO, *Tratado das Leis*, II, IV)

Parte-se assim das concepções estoicas da existência dos deuses e direcionas pela razão. De acordo como Colish (1990, p.101), a lei religiosa que Cícero expressa proceder de acordo com a vontade dos deuses é sumária observância dos cultos praticados em Roma que de acordo com ele devem ser observados em conformidade com a razão e a natureza. Para determinar uma organização da esfera religiosa, o que é exemplificado em *Da Natureza dos deuses*, Cícero escreve:

Muito bem, farte-te-ei à vontade e serei o mais breve possível, até porque uma vez demonstrados os erros de Epicuro, uma longa parte do meu discurso foi suprimida. Nós dividimos esta questão dos deuses imortais em quatro partes: demonstramos, primeiro, que os deuses existem, segundo, qual é a sua natureza, terceiro, que o mundo é governado por eles, quarto, que eles se interessam por tudo que diga respeito aos humanos. (CÍCERO, *Da Nat. dos Deuses* II, 3)

Também devem ser abordados outros elementos como a *pietas e sanctitas*. O termo *pietas* é explicado por Scheid (2003, p. 26), como um termo que estabelece grande relação com o conceito de *Religio* correspondendo a correta relação com pais, amigos e cidadãos, assim como a correta atitude diante aos deuses. Dessa forma, a

*pietas* funciona como uma forma de distribuição de justiça e regulação das obrigações dos homens com os deuses.

Por sua vez, a *sanctitas* possui um significado mais complexo de definir, segundo Braga Falcão. Para Falcão (2004, p.170), a definição de *sanctitas* atribui um respeito pelo caráter prescritivo da Religião Romana, o cumprimento de todas as obrigações exigidas pela religião, assim como, o reconhecimento do sagrado e de que existe um elemento superior ao homem com sua presença notada. Assim, nas ideias epicuristas expostas por Veleio em *Da Natureza dos deuses*, pode-se notar que:

“Existem e existiram filósofos que pensaram que os deuses não têm de todo qualquer influência sobre as coisas humanas. Mas se assim fosse, como poderia existir a *pietas* ou a *sanctitas*, ou a própria religião? Pois todas essas coisas devem ser pura e castamente oferecidas à majestade dos deuses, se eles se dão conta delas e se algum bem foi dado pelos deuses ao gênero humano. Pois se os deuses nem nos querem nem nos podem ajudar, se não nos prestam a mínima atenção, nem reparam no que fazemos, e se nada vindo deles pode sequer chegar à vida dos homens, então por que razão dirigimos nós, cultos, honrarias e preces aos deuses? A *pietas*, assim como todas as virtudes, não pode existir na aparência do fingimento e da simulação, e se assim fosse deveras, necessariamente a *sanctitas* e a religião desapareceriam com ela. E desaparecida tais virtudes, seguir-se-ia necessariamente uma desordem e uma confusão na própria vida. (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, I,3)

Dessa forma, o argumento epicurista de *Da Natureza dos deuses* permite a percepção da presença de dois elementos importantes para percepção para o entendimento mais aprofundado das relações estabelecidas do âmbito da religião romana. A *sanctitas* e a *pietas* são compreendidas como virtudes que possibilitam que a ordem seja mantida. A manutenção dos preceitos dos elementos tradicionais é à base da defesa da Religião Romana idealizada e representada por Cícero.

Observa-se que em várias instâncias de seus diálogos e no conjunto das suas obras, Cícero atribui à filosofia significado norteador de seu desenvolvimento intelectual. E tais afirmações são atribuídas ao cenário político e também aos ataques políticos que sofreu.

Uma das passagens que demonstra tal quadro pode ser encontrada em *Da Natureza dos deuses*:

“Outra coisa que me levou a dedicar à filosofia foi, por assim dizer, uma ingente tristeza de alma trazida injustamente por um célere golpe

da fortuna. Se eu pudesse achar maior alívio de meus cuidados noutra coisa, não me teria refugiado na filosofia; mas, na verdade, não achei melhor forma de ocupar o pensamento do que em meditar à leitura de livros, ou ao estudo profundo da filosofia. É pois bem sabido que só ficamos a conhecer a fundo todos os elementos bases desta ciência quando explicamos, por escrito, todas as questões inerentes a ela: é que a filosofia é uma admirável rede inextricável, onde tudo e está interligado, e onde todas as coisas parecem estar coesas e dependentes entre si.” (CÍCERO, *Da Nat. dos deuses*, I, 9)

Por essa perspectiva reforça-se então característica eclética das fontes aqui estudadas. No que concerne à percepção de Cícero, o autor articulava seus diálogos com demonstração de abundantes elementos de discussão o que é mais acentuado em *Da Natureza dos Deuses* e *Sobre a adivinhação*. E, por conseguinte, mais objetivo e entrelaçado em *Tratado das Leis*.

#### 4. Considerações finais

No primeiro capítulo, introduziu-se o histórico da pesquisa e, por conseguinte abordou as bases teórico-metodológicas para análise das fontes. Estabeleceu-se desde o início a Análise crítica de discurso como instrumento principal o desenvolvimento do estudo. Também foram introduzidos os aspectos correspondentes a perspectiva religiosa, assim como foi articulado já nesta instância uma breve apreciação analítica das fontes. A contextualização histórica foi desenvolvida com a problematização da noção necessidade de contemplar a República e principalmente seu período final deve ser contemplado considerando as seus matizes. Por conseguinte, buscou-se tratar a Biografia de Cícero de forma alternativa enfatizando as especificidades da sociedade romana. As obras foram apresentadas e as datações foram discutidas. Delimitou-se então, o alicerce para o desenvolvimento do capítulo subsequente.

Já no capítulo dois como foi especificado já no título, *Filosofia e Retórica, Religião e Política em Cícero*, optou-se pela utilização dos binômios para direcionar a análise. Tendo em vista então a diversidade de elementos necessários para compreender as especificidades das obras. Direcionou-se o estudo da perspectiva filosófica enfatizando as correntes e associando com o contexto romano do século I a.E.C.. A Retórica foi contemplada também foi abordada, pois é um elemento que perpassa a constituição das obras ciceronianas mesmo que não seja sua natureza principal. Para o binômio *Religião e Política* concentrou-se de forma mais pormenorizada na relação indissociável que os dois elementos possuem na vida da sociedade romana. Tal discussão é muito importante, pois são elementos primordiais para possibilitar uma profunda compreensão das fontes. Ressalta-se a atenção dada ao tópico *Religião Romana* mostrando as especificidades da perspectiva pública.

Tendo em vista o objetivo de se fazer uma análise pormenorizada das fontes. No terceiro capítulo, também, optou-se por desenvolver a análise utilizando as associações Filosofia e Religião e, por conseguinte Religião e Política. Os capítulos anteriores estabeleceram as bases e problematizações para o desenvolvimento de uma estudo profundo e objetivo. Este trabalho buscou proporcionar um olhar mais pormenorizado sobre o período final da República Romana a partir da leitura da documentação ciceroniana. Essa perspectiva foi desenvolvida a partir da perspectiva da análise do discurso religioso e político presente nas obras de Marcos Túlio Cícero.

Através desse escritos foi possível problematizar a perspectiva da tradicionalidade e motivação de suas defesas contidas em seus textos e também identificar os discursos sociais neles presente.

Compreender a situação da República no século I a.E.C. apresenta-se como elemento analítico para estudar as obras ciceronianas. A necessidade da defesa da República que é ameaçada pela desestruturação da política e das mudanças sociais com a expansão territorial e da cidadania romana ocupa as esferas religiosas, filosóficas, políticas das fontes *Da Natureza dos deuses*, *Sobre a Adivinhação*, *Tratado das Leis (Livro II)* e o discurso *Sobre sua casa*.

Por conseguinte, pensar mais especificamente na Religião Romana e como esta se associava com a movimentação política e cultural do século I a.E.C.. Além disso, é possível perceber como a Religião Romana pode ser encontrada nas facetas discursivas das obras de Cícero.

Por sua vez, o caráter filosófico foi priorizado como possibilidade de identificação do desenvolvimento intelectual do autor e presente na argumentação das obras. Embora a perspectiva histórica tenha sido uma questão prioritária não buscando-se aprofundar o elemento essencialmente filosófico mas entender como a filosofia pode refletir as mudanças políticas e culturais do final da República Romana.

Cícero principalmente nas últimas décadas de sua vida insere-se nas diversidades dos discursos sociais em uma perspectiva de negociação de permanência na esfera política. Por sua relação conturbada com partes dos segmentos políticos da elite que estavam no poder no período final da República Romana e, devido ao fato de ser pertencente ao grupo político manutenção ordem político-social e da República significa sua permanência e expressividade na vida política romana. Esse contexto resultou em expressiva influência na produção intelectual ciceroniana e norteou sua argumentação que enfatizavam a defesa da tradicionalidade, assim como, a necessidade de demonstrar erudição ao se dedicar a filosofia manifestando tais convicções em suas obras.

Tem-se a percepção de um rico quadro de produção intelectual existente no século I a.E.C. ao se fazer a leitura dessas obras na perspectiva proposta nessa pesquisa. O seu intuito foi congrega de forma mais pontual as percepções sobre a Religião Romana nas obras de Cícero que abordam o tema. Tal proposta possibilitou uma visão

alternativa aos estudos generalistas até então publicados e daqueles muitos tópicos oriundos de compêndios.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

- CÍCERO, **Das Leis**. Trad. Otávio T. de Brito. São Paulo: Editora Cutrix. 1967.
- \_\_\_\_\_ **Da Natureza dos Deuses**. Trad. Pedro Braga Falcão. Nova Vega, 2004
- \_\_\_\_\_ **De Domo Sua**. Trad. N.H.Watts. Harvard, Loeb Classical Library, 1923, V.XI.
- \_\_\_\_\_ **Tratado das leis**. Trad. Marino Kury. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- \_\_\_\_\_ **On Divination**. Trad. W. A. Falconer. Harvard, Loeb Classical Library, 1911.vXX.
- \_\_\_\_\_ **On The Laws**. Trad. Clinton W. Keyes; Harvard, Loeb Classical Library
- \_\_\_\_\_ **The Orations of Marcus Tullius Cicero**. Trad. C.D. Yonge. London: G. Bell and Sons, v.3, 1913.
- TITO LÍVIO. **História de Roma: Ab Urbe Condita**. Livro I. V. I. ed. PAUMAPE, 1989.

### Obras Referências

- ANDO, Cliford. **Roman Religion**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2003.
- BEARD, M.; NORTH, J.; Price, S. **Religions of Rome**. Cambridge: University Cambridge Press, v.1, 1998.
- BEARD, Mary. Cicero and Divination: The Formation of a Latin Discourse. **The Journal of Roman Studies**, s.l: Society for the Promotion of Roman Studies, V.76, p. 33-36, 1986.
- \_\_\_\_\_. Religion. In: CROOK, J.A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth. **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: Cambridge University Press, V. IX, 1992.
- BOTWRIGHT, M.T.; GARGOLA, D.J.; TALBERT, R.A. **The Romans: from Village to Empire**. Oxford: Oxford University Press. 2004.
- BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. **A tradução cultural: nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CLARKE, M. L. **The Roman Mind: studies in the History of Thought From Cicero To Marcus Aurelius**. London: Cohen & West, 1956.
- COLISH, Marcia L. **The Stoic tradition from antiquity to the early middle Ages**. 2. ed. Leiden: E.J. Brill, v.1, p.61-152, 1990.

- DOMINIK, William; HALL, Jon. **A companion to Roman Rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007.
- DUGAN, John. Cicero's rhetorical theory. In: STEEL, Catherine (Org.). **The Cambridge Companion to Cicero**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- DURKEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FALCÃO, Pedro Braga. Introdução. In: Cícero. **Da Natureza dos deuses**. Lisboa: Nova Vega, 2004.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FAVERSANI, F. Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira. **Mare Nostrum: Estudo do Mediterrâneo Antigo**. São Paulo, n. 4, p.100-111, 2013.
- FLOWER, Harriet. Introdução. In: FLOWER, H. (Org.). **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FRANK, Tenney. **Life and Literature in the Roman Republic**. University of California Press, 1956, p. 197-225.
- GIARDINA, Andrea (org.). **O homem romano**. Lisboa: Editora Presença, 1992.
- GIBSON, Roy; STEEL, Catherine. The indistinct literary Careers of Cicero and the Pliny the Younger. In: HARD, Philip; MOORE, Helen. (orgs.). **Classical Literary Careers and their Reception**. Cambridge University Press, 2010.
- GRIMAL, Pierre. **A civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- \_\_\_\_\_. **História de Roma**. Trad. Maria Leonor Loureiro. São Paulo: editora Unesp, 2011.
- GUIMARÃES, Célia (org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2001.
- HADOT, Pierre. **O que é Filosofia Antiga**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: Editora Universidade Brasília, 2003.

KROSTENKO, Brian A. **Beyond (Dis)belief: Rhetorical Form and Religious Symbol in Cicero's De Divinatione**. In: Transactions of the American Philological Association, Vol. 130 .2000, p. 353-391.

KURY, Marino. Introdução. In: Cícero: **Tratado das Leis**. Trad. Marino Kury. Caxias do Sul: Educs, 2004.

LEVINE, D.S. The late republican/ Triunviral Period:90-40 BC. In: HARRISON, S.(org). **A companion to Latin Literature**..Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p.32.

LINTOTT, Andrew. **Cicero as Evidence: A Historian's Companion**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARQUES, Juliana B. Comentário crítico sobre o texto Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira, de Fábio Favversani. **Mare Nostrum: Estudo do Mediterrâneo Antigo**. São Paulo, n. 4, p.132-138, 2013.

MOMMSEN, Theodor. **Historia de Roma**. Madri: Aguillar Ediciones. V.2, 1956.

MURPHY, T. **Cicero's First Readers: Epistolary evidence for the dissemination of his work**. In: The Classical Quartely. V. 48, nº 2, p.492-505, 1998.

ORLIN, Eric M. **Foreign Cults in Rome: Creating a Roman Empire**. Oxford: Oxford Univerisity Press, 2010.

RAWSON, Elizabeth. **Intellectual life in the late Roman Republic**. London: Gerald Duckworth&Co, 1985. 355p.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François.**Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROSA, Claudia Beltrão. A Religião na Urbs. In: SILVA, Gilvan Ventura; MENDES, N.M.(org.). **Império Romano:Perspectiva socioeconômica, Política e Cultural**.Rio de Janeiro: EDUFES, 2006.

\_\_\_\_\_. *O vir bônus e a prudentia civilis* em Marco Túlio Cícero. In: ARAÚJO, S.R.; JOLY, F.D.; ROSA, C.B.(Org.). **Intelectuais, poder e Política na Roma Antiga**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2010.

ROSENBERGER, Veit. Republican Nobiles controlling the Res Publica. In: RÜPKE, Jörg (Org.). **A companion to Roman religion**.Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

RÜPKE, Jörg (Org.) . **A companion to Roman religion**.Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

\_\_\_\_\_. **Religion of the Romans**. Cambridge: Polity Press, 2007.

- SCHEID, John. **An Introduction to Roman Religion**. Trad. Janet Lloyd. Indiana University Press, 2003.
- SCHOFIELD, Malcolm. Writing philosophy. In: STEEL, Catherine. **The Cambridge Companion to Cicero**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- SIQUEIRA, Silvia M.A. **Introdução**. In: Cultos orientais e magia no mundo helenístico-romano. UECE, 2006, p.20.
- SIRINELLI, Jean-François. **Le hasard ou lanécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. VingtièmeSiécle, Revue d'Histoire**, v. 9, n. 9, p. 99, 1986.
- STEEL, C.E.W. **Cicero, Rhetoric and Empire**. New York: Oxford University Press, 2001.
- STEEL, Catherine. Cicero, oratory and public life. In: STEEL, Catherine. **The Cambridge Companion to Cicero**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- TARÁN, L. **Cicero's Attitude Towards Stoicism and Skepticism in the De natura deorum**. In: Florilegium Columbianum. New York: Italica Press, 198
- TAYLOR, Lily Ross. **Party Politics in the Age of Caesar**. Los Angeles: University of California Press, 1949.